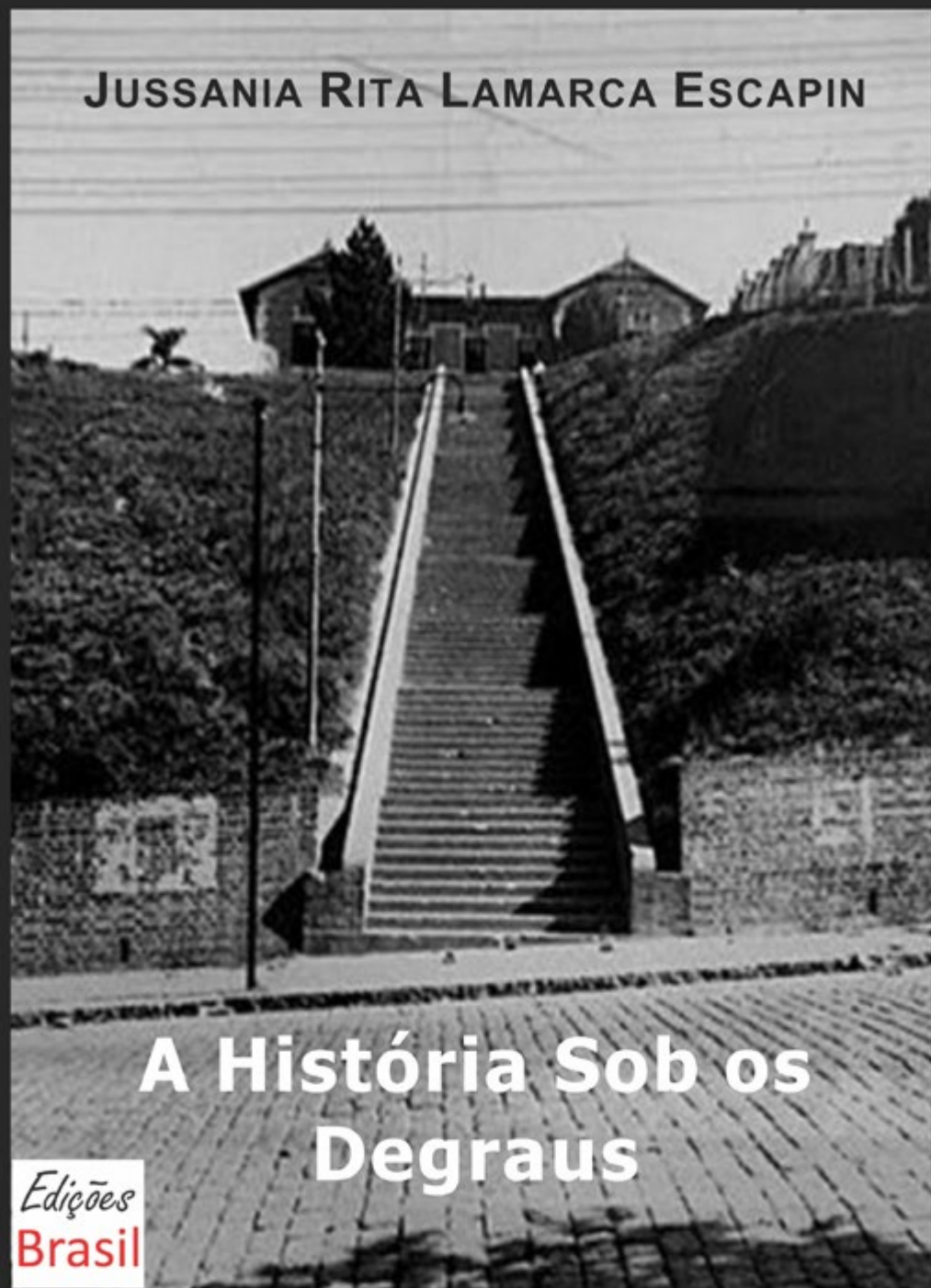


JUSSANIA RITA LAMARCA ESCAPIN



A História Sob os Degraus

Edições
Brasil



Prêmio Estímulo
de Cultura

Secretaria de
Cultura

PREFEITURA
JUNDIAÍ
OPORTUNIDADE E PARA TODOS

Edições Brasil
Jundiaí/SP
www.edicoesbrasil.com.br
sac@edicoesbrasil.com.br

JUSSANIA RITA LAMARCA ESCAPIN

A História Sob os Degraus

1ª Edição

**Jundiaí/SP
Edições Brasil
2013**

© Edições Brasil - 2013

Supervisão: Marlene Rodrigues da Silva Aguiar

Capa: João José Ferreira de Aguiar

Editoração Eletrônica: João José Ferreira de Aguiar

Revisão ortográfica: Edna Toshie Ogata Bezutti

Conselho Editorial:

Prof. Ms. João José Ferreira de Aguiar

Prof. Ms. João Carlos dos Santos

Prof^a Dra. Teresa Helena Buscato Martins

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/1973. Todas as informações contidas nesta obra são de exclusiva responsabilidade da autora, inclusive as imagens.

Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer tipo de meio empregado (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, fotocópias, digitalização, gravação ou qualquer outro), sem previa autorização por escrito da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Es14h Escapin, Jussania Rita Lamarca

A História Sob os Degraus: memória e revitalização do Escadão de Jundiaí – SP como espaço público de lazer e eventos / Jussania Rita Lamarca Escapin - Jundiaí: Edições Brasil, 2013.

120 p. : il.

ISBN: 978-85-65364-15-7

1. Patrimônio cultural. 2. Jundiaí, SP – História. I. Título

CDD: 981.61

Bibliotecária responsável Marinês de Campos Ribeiro CRB8/7227

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto 1.823/1907.

Versão eletrônica / e-book

sac@edicoesbrasil.com.br

www.edicoesbrasil.com.br

A História Sob os Degraus

MEMÓRIA E REVITALIZAÇÃO DO
ESCADÃO DE JUNDIAÍ-SP COMO ESPAÇO
PÚBLICO DE LAZER E EVENTOS

Se os objetos permanecem apenas como signos apesar do poder, sua figuração simbólica dos modos de vida, os relatos ou escritos, esboçam o possível das cenografias da memória.

Henry-Pierre Jeudy

SUMÁRIO

Introdução	13
I - Patrimônio: conceitos e questões metodológicas	17
Estudos sobre Patrimônio	17
A História Oral	27
Fotografia como fonte histórica	43
História e literatura	55
II - O Escadão e a história de Jundiaí	57
Jundiaí no caminho das estradas de ferro	59
Imagens do Escadão no contexto histórico de Jundiaí	61
As representações sociais do Escadão através da memória dos eventos	69
Eventos de Jundiaí ontem e hoje	71
III - Escadão: entre o cultural e o ambiental	75
Importância dos espaços verdes urbanos	76
Memória ambiental: uma ponte entre o passado e o presente..	81
A revitalização do Escadão – Esplanada Monte Castelo	85
Considerações Finais	97
Referências	100
Anexos	102
Galeria de Fotos João Borin	115

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa refere-se à Esplanada Monte Castelo, em Jundiaí-SP, conhecida localmente como Escadão. Trata-se de uma escadaria construída em 1917 e que respondia pela facilitação da comunicação entre a colina central da cidade e a Rua Vigário J. J. Rodrigues, permitindo o acesso à Vila Arens. O nome Esplanada Monte Castelo foi dado em decorrência da vitória, na segunda Guerra Mundial (1945), lembrando a importante conquista da Força Expedicionária Brasileira na Itália.

A pesquisa bibliográfica revelou sua importância como espaço público de lazer e celebrações no período que vai de sua construção até meados do século XX. A pesquisa documental revelou a sua importância para a sociedade jundiaense – relatos orais confirmam que muitos cidadãos ainda trazem em sua memória lembranças do tempo da infância e da juventude, quando o local era utilizado como um espaço para eventos sociais.

A presente obra procurou resgatar as histórias através da oralidade daqueles que testemunharam os acontecimentos passados e os modos de vida da época, considerando a memória viva como um instrumento de análise, que fornece subsídios para as considerações sobre a importância da revitalização desse espaço.

PREFÁCIO

Morro do Grupo, assim era conhecido antes da construção da escada de acesso de ligação para os pedestres do bairro da Vila Arens com o centro da cidade de Jundiáí. Poderíamos hoje dizer como ligação da cidade baixa com a cidade alta. O Grupo Escolar Cel. Siqueira Moraes, em homenagem ao republicano jundiaiense Joaquim de Siqueira Moraes, foi inaugurado em 1896. Primeira construção nessa área da cidade. Surgem depois a Casa Maçônica e o Polytheama, em 1911.

O prefeito Waldomiro Lobo da Costa, em 1928, fez a construção de 76 metros, por 2 m de altura do muro, do chamado Morro do Grupo, situado na rua Vigário J. J. Rodrigues. É feito um projeto, em 1929, da escadaria e passeios pela inclinação do morro e, na parte superior, um belvedere com vista para a Vila Arens e arredores. Coube ao prefeito Manoel Anibal Marcondes, que governou de 1938 a 1943, o início da construção do belvedere do final da rua Barão de Jundiáí.

O trabalho de Jussania resgata a história, a memória das pessoas nos relatos vivenciados, e traz para as novas gerações as histórias vividas neste espaço público, dando novas perspectivas para sua preservação. Não posso deixar de elogiar o resgate dos desenhos do projeto de 1929, e de parabenizar o incentivo do Prêmio Estímulo à Cultura que possibilitou a publicação deste projeto: **A História sob os Degraus.**

João Antonio Borin

Pesquisador da História de Jundiáí

Inverno de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, razão de toda a minha existência e fonte de vida.

À minha mãe, meu exemplo, que me deu, com todo o seu amor, o ar que respiro, sendo companheira fiel de todos os momentos.

Ao meu pai que, de onde estiver, sei que me olha, me guarda e foi para mim exemplo de disciplina, persistência e dedicação, requisitos necessários para a realização deste trabalho.

Ao meu marido Edison, saudades de sua cumplicidade e companheirismo que o espaço físico separou, mas que as tênues fronteiras espirituais vibram unidas.

Aos meus filhos Carolina, Frederico e Bárbara, meus três tesouros, razão da minha vida e do amor que tenho por ela, e que me acompanharam durante a execução desta pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à família e aos amigos por toda alegria que me proporcionam.

À instituição acadêmica na qual me formei – FATEC-JD – e a todo corpo docente desta estimada entidade, que ministraram conhecimentos técnicos que contribuíram para o meu crescimento pessoal.

Aos meus queridos amigos e colegas de classe que, desde o início deste trabalho, demonstraram interesse pelo tema e sempre me motivaram a dar continuidade a ele.

Àqueles que colaboraram com o que tinham de melhor de suas lembranças, transmitindo as emoções que compõem este trabalho.

À querida Profª Drª Sueli Soares dos Santos Batista, sem a qual o projeto não passaria apenas de um sonho! Graças ao seu entusiasmo, confiança, companheirismo e dedicação que este trabalho seguiu em direção aos seus objetivos.

À Profª Ms Juliana Rink, da disciplina de Gestão Ambiental, cujas aulas inspiraram a Parte III, que aborda a memória ambiental.

À Família Padovani, na pessoa de Antonio Padovani que, gentilmente, cedeu as fotos que ilustram esta pesquisa.

À querida amiga Edna Toshie Ogata Bezutti pela revisão do texto.

Ao amigo João Borin pelo entusiasmo e apoio a esta obra, corrigindo e complementando muitas informações.

E a todos que colaboraram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

A todos o meu eterno agradecimento!

À Secretaria de Serviços Públicos, à Secretaria de Planejamento e Meio Ambiente, ao Centro de Memória de Jundiaí, à Marilena de Perdiz Negro – Secretária da Assistência Social, pela contribuição a este trabalho.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho discorre sobre a importância da memória social e da identidade cultural da comunidade na utilização dos espaços públicos. Desconsiderar essa memória como patrimônio histórico-ambiental urbano significa exilar o homem enquanto cidadão do seu próprio meio. A memória pode ser resgatada a partir da análise da Esplanada Monte Castelo, conhecida popularmente como Escadão, construção presente no centro da cidade de Jundiaí-SP, desde o início do séc. XX.

O objetivo da pesquisa foi analisar as relações que compõem o quadro das relações históricas que envolvem o local, apresentando as diversas formas de construção de paisagem a partir das percepções de indivíduos entrevistados durante o trabalho. Os significados e os valores das coisas percebidas ocorrem na sociedade, de modo que nela os espaços e as pessoas recebem seu devido valor.

Pretendeu-se discutir a importância de um espaço público urbano e o processo de percepção social que as pessoas possuem em relação ao espaço na construção de sua própria história. Muitos idosos trazem na memória lembranças do tempo da infância e da juventude de quando o Escadão era utilizado como espaço de lazer e de representações de poder, já que atravessá-lo significava chegar à parte alta da cidade, onde residiam os mais abastados.

Passar pelo Escadão significava não só brincar e namorar, mas chegar aos grupos escolares, participar dos cortejos fúnebres, desfiles e demais celebrações em que a comunidade se reunia. Ao mesmo tempo, o Escadão, em alguns momentos, servia de refúgio, sendo considerado sinônimo de algo proibido e escondido.

O espaço rico em representações e paisagem de pertencimento para algumas gerações, atualmente, está abandonado, quase não identificado em meio à vegetação que cresceu e se espalhou. Tornou-se ponto de prostituição e de tráfico de drogas. Nota-se a importância histórica da Esplanada Monte Castelo e a necessidade de sua história ser

resgatada e de seu espaço ser revitalizado.

Projetos de revitalização foram iniciados em 2012, mas as obras foram paralisadas pela mudança da gestão municipal. Espera-se que as lembranças, assim como os eventos que fizeram e fazem parte da sua história não sejam esquecidos. Afinal, é preciso lembrar que as mudanças ou modernizações não necessariamente significam a destruição o passado.

A pesquisa bibliográfica proporcionou um estudo histórico sobre o espaço, procurando-se compreender os motivos de sua construção, a importância de renomeá-lo como Esplanada Monte Castelo, o uso e a ocupação ao longo do tempo e os motivos que o levaram ao esquecimento pela população em geral.

A compreensão da constituição dos espaços de lazer e de representações de poder na cidade de Jundiaí pode, a partir da história documental e oral do Escadão, reconstruir a relação entre o passado e o presente. Acredita-se que a análise do atual projeto de revitalização do Escadão, com suas modificações na paisagem, pode contribuir para a sua devolução para a sociedade.

Com esta pesquisa pretendeu-se proporcionar uma visão mais ampla do processo histórico e social relativo ao surgimento, utilização e decadência do Escadão, reconstruindo, por meio das experiências vividas dos entrevistados, um melhor entendimento da interação do homem com seu meio.

Neste contexto, as pesquisas em torno do objeto de estudo foram resultado de trabalhos realizados durante o Curso Superior de Eventos na FATEC-JD, iniciando-se por um projeto de pesquisa em que o Escadão é citado como um espaço de lazer e eventos para a sociedade local, tendo sido apresentado, em 2010, na Unaerp, na cidade de Ribeirão Preto, após um processo de seleção que o incluiu em seus Anais.

As pesquisas continuaram durante os anos seguintes na intenção de se resgatar momentos e fatos importantes numa linha de tempo que se construiria a partir de relatos vividos pelos moradores da época, proporcionando uma análise real da sua importância nos fatos sociais que aconteceram na

cidade de Jundiáí e a utilização do Escadão nestes eventos.

A partir de 2011, este trabalho desenvolveu-se ainda mais com as pesquisas realizadas em torno deste patrimônio histórico, envolvendo conceitos acadêmicos e metodológicos, em meio às reformas estruturais do espaço pela Secretaria de Obras do Município. Foi apresentado, em 2012, como Trabalho de Conclusão de Curso de Eventos da FATEC-JD. Por se tratar de uma pesquisa de interesse comum, foi inscrito no concurso da Secretaria Municipal de Cultura intitulado Prêmio Estímulo à Cultura. Entre outros trabalhos, este foi escolhido, enobrecendo aqueles que tiveram suas lembranças resgatadas, e reforçando a importância do espaço ser devolvido à sociedade para utilização pública de lazer e eventos sociais.

Esta obra está dividida em três partes:

I: Patrimônio – conceitos e questões metodológicas

II: O Escadão e a história de Jundiáí

III: Escadão: entre o cultural e o ambiental

Entende-se que toda história tem como início acontecimentos muitas vezes banais à primeira vista, mas que começam a fazer sentido e tornam-se fatos quando passam a ser contados, narrados e relatados. Não há evento histórico que não seja produto de relações sociais, práticas e atitudes humanas, individuais e coletivas.

Todo evento social torna-se parte da história, pois é cultural e simbólico, como elucida Albuquerque Júnior (2007) em sua obra **História – a arte de inventar o passado**, e precisa ser interpretado para estabelecer os laços de comunicação entre os homens sem os quais não haveria economia, política ou sociedade, nem mesmo objeto ou sujeito.

O passado e o presente, essa ponte de ligação entre gerações determina que a memória, a lembrança e a revitalização dos espaços físicos são fundamentais para a continuidade e a formação da história de uma cidade.



Bairro da Vila Arens – Vista do Morro do Grupo
Fonte: Acervo Antonio Padovani.

I - PATRIMÔNIO: CONCEITOS E QUESTÕES METODOLÓGICAS



Grupo Escolar Cel. Siqueira Moraes, 1896
Fonte: Acervo João Borin.

ESTUDOS SOBRE PATRIMÔNIO

O patrimônio cultural dos moradores de uma cidade não se constitui somente de bens móveis ou imóveis, independentemente de serem públicos ou privados, mas se resume nas manifestações que se originam de conceitos históricos, ambientais, paisagísticos e arquivísticos que, em alguma época, possam ter contribuído para a consolidação da identidade do grupo social.

Os aspectos estilísticos, cognitivos e afetivos com a população local devem ser sempre ajuizados no processo de investigação de um bem a se preservar. Preservar e restaurar

bens não quer dizer “cristalizá-los”, mas dar-lhes uma forma de uso sem retirar o seu significado. Ao proteger os bens culturais de uma sociedade, preserva-se a identidade cultural de um grupo social, pois, ao perder ou ver alteradas expressivas manifestações arquiteturais e paisagísticas, o indivíduo perde também os referenciais que permitem sua identificação com a cidade em que vive.

A presente análise leva a uma compreensão mais detalhada sobre a utilização da Esplanada Monte Castelo, localizada na cidade de Jundiáí, entre a Rua Vigário J. J. Rodrigues, parte baixa da cidade, e a Rua Barão de Jundiáí, parte alta. A utilização dessa interligação pela sociedade, em diferentes períodos, acompanha o desenvolvimento socioeconômico e cultural da cidade.

Quando se fala dessas ligações, entende-se que as cidades precisam oferecer aos cidadãos espaços para que possam utilizá-los como uma forma de integração, de cultura e de lazer, proporcionando o direito de uso coletivo. As cidades devem ter lugares que proporcionem qualidade de vida aos cidadãos. Na medida em que esses espaços são reconhecidos, atribuindo-lhes a devida importância, eles acabam assumindo uma condição de identidade, representando os usos, os costumes, construindo-se, assim, a sua história.

O Escadão comprova esta afirmação, pois quem já não ouviu falar das lambretas que desciam escada abaixo? Ou mesmo dos namoros proibidos, do pôr do sol observado do alto, das conversas escondidas, da importância do espaço com os eventos cívicos da cidade. Talvez o fizessem de uma forma intuitiva, sem se darem conta da real importância dessa relação que constrói a ponte entre o passado e o presente como herança às futuras gerações, completando um ciclo na formação da história de vida das pessoas. Esse ciclo é dinâmico e contínuo e, se rompido, pode significar lacunas muitas vezes irreparáveis na linha do tempo.

Quanto a este tema, Barreto (1999) discute as transgressões dos espaços públicos, o mau trato dos lugares, a privatização das ruas, a insegurança urbana geralmente impulsionada pelo aumento dos índices de violência e o desprezo do poder público e privado em relação ao

patrimônio. O desejo da convivência cultural, do lazer, do ideal da revitalização dos bens culturais esbarra nas transgressões urbanas. Vive-se um momento crucial. De um lado, a preocupação com a violência que isola o homem nos apartamentos, nos condomínios e nos shopping centers ou nos muros que isolam as casas; de outro lado, a busca pelo conhecimento cultural, o sentimento de que é necessário reviver tradições e interagir com outras culturas. Para Barreto, a resposta para a transgressão do espaço público e coletivo “parece estar no repensar os grandes conglomerados urbanos, partindo de um planejamento que tome em conta as necessidades humanas”. (BARRETO, 1999, p. 52)

As discussões sobre a revitalização do patrimônio passam, essencialmente, pelo debate sobre o planejamento urbano, as formas de uso dos monumentos históricos e do apoio às manifestações culturais. Nesse processo é importante a participação da comunidade ou órgãos de classe, pois a (re) construção dos espaços não se faz por decreto ou por decisões de técnicos. As pessoas, residentes do lugar, devem participar, pois o conhecem e precisam ser motivadas a fortalecer o sentimento de identidade.

Discutir bens culturais é pensar na viabilidade da transformação urbana, representa a necessidade de se sonhar com políticas de investimento na reorganização do caos urbano. Le Goff (1996), ao discutir o papel das cidades, aponta para os descaminhos da excessiva concentração urbana e demonstra a seguinte preocupação: a necessidade de recuperação da função pública das cidades, dos espaços de convivência e de cultura, dos lugares de formação e de exercício da cidadania. A cidade desvitalizada representa a continuidade do descaso com o patrimônio, o seu uso indevido. A paisagem urbana descaracterizada faz com que a sociedade se distancie das discussões sobre o uso do bem cultural.

Ribeiro (2000) discute a importância da revitalização do patrimônio, na medida em que reabilita o espaço urbano, fortalece manifestações culturais descaracterizadas em sua tradição e o reconhecimento dos cidadãos em relação aos bens culturais. Além disso, gera renda para a comunidade e para o município. Ribeiro discute o caso de Porto Alegre:

No centro de Porto Alegre podemos identificar outra proposta de revitalização e reutilização de espaços de grande porte que sofreram o processo de proposta cultural. É o da conhecida Usina do Gasômetro, que se situa às margens do Guaíba, que antigamente dividia espaço com um presídio público e era conhecida como “ponta da cadeia”. Este espaço abriga diversas exposições, teatros e shows e possui como diferencial uma chaminé que se projeta de qualquer ângulo como símbolo do passado: de gerador de energia passou a centro de cultura. [...] Pensar e planejar áreas de lazer aliadas a espaços ociosos da urbe e a sua posterior valorização através de parques e praças com motivos culturais e históricos são formas de resgate da cultura e homenagem a etnias que habitam as cidades. (RIBEIRO, 2000, p. 148 e 149)

O caso de Curitiba é semelhante, pois a administração pública conseguiu aliar áreas de lazer com a valorização da cultura de povos que imigraram para a cidade. Ao mesmo tempo em que se valoriza a diversidade cultural do município, possibilita ao cidadão e ao turista espaços de lazer. Há, em Curitiba e Porto Alegre, exemplos de boa utilização do patrimônio cultural. O uso deve ser resultado de uma política que envolva a administração local, a comunidade e os órgãos de classe. Não é necessário fazer uma opção entre a continuidade do caos urbano e a “construção da cidade ideal”, deve-se planejar e discutir a organização das cidades e pensar na revitalização do patrimônio. Como sugere Le Goff (1996), é necessário expressar amor pelas cidades e pelos bens culturais.

Por anos o Escadão foi considerado um espaço de grande utilização pública, sendo alvo de representações sociais, sim, pois ir ao Escadão para namorar, encontrar os amigos, ver a paisagem, utilizá-lo como meio de se chegar ao centro cultural e econômico, ou descer e se aproximar do desenvolvimento industrial da cidade em franco desenvolvimento eram palavras comuns de se ouvir entre os moradores de toda a região. Representava status, tanto que foi dado o nome Esplanada Monte Castelo, motivo de orgulho e representação de superioridade numa época em que as

forças se mediam pela vitória na guerra.

As experiências de vida registradas talvez nem cheguem a expressar as experiências registradas na memória e nos desejos daqueles que sonhavam e idealizavam os momentos neste espaço público, portanto é necessário que se reconheçam os valores contidos nos elementos que formam a paisagem na sua totalidade, para se compreender a importância de se manter o espaço de lembranças revitalizado e devolvido à sociedade. É um espaço de pertencimento histórico e de ricas lembranças que passaram de gerações a gerações, e que mantém a missão de continuidade pelas gerações futuras.

A partir do redescobrimento do valor do patrimônio, como elemento de identidade cultural, torna-se comum a discussão sobre as formas de seu uso. Percebe-se o interesse do poder público pelos patrimônios da cidade, como ocorre em alguns países europeus, como Espanha, Portugal, Itália, Alemanha, França entre outros, que já perceberam que investir na restauração e preservação dos bens culturais traz o benefício da dinamização do turismo, ao mesmo tempo em que fortalece a identidade dos moradores.

O tema foi discutido por Reis (2002), em seu artigo Patrimônio cultural: revitalização e utilização. As reflexões que expõem o valor do patrimônio formam como um dos alicerces do desenvolvimento das sociedades. O autor aborda a necessidade de revitalização dos patrimônios e a recuperação dos lugares de formação e exercício da cidadania. Essa paisagem urbana não caracterizada pode fazer com que a sociedade se distancie das discussões sobre o seu uso. Para se reconstruir um espaço é necessário que, ao revitalizá-lo, este seja precedido de pesquisas e de um sério trabalho de profissionais capazes de contribuir com a reconstrução de época.

O fortalecimento da identidade cultural e das lembranças passa, necessariamente, pela questão do patrimônio como elemento que fortalece o sentimento de pertencimento a uma comunidade, permitindo realizar o elo entre o passado e o presente. A revitalização do patrimônio significa a ressignificação das manifestações socioculturais, tornando-a viva ao ganhar sentido para as pessoas.

Desde o ano de 1929, projetos de reforma para conservação do Escadão já estavam sendo desenvolvidos. Havia uma preocupação muito grande em ajardinar o espaço e devolvê-lo à sociedade restaurado, conservado e com estruturas mais modernas (Anexo I).

Nesta época, até um mirante estava no projeto, possivelmente para que as pessoas pudessem se deslumbrar com a paisagem vista do alto. O que se observa, entretanto, não só na cidade de Jundiaí, em referência a este patrimônio, mas em todas, é que as mudanças de comportamento, o crescimento desordenado das cidades e dos bairros e os novos valores e estilos de vida podem gerar impactos irreversíveis nos patrimônios, pois são fatores resultantes da vida capitalista da sociedade globalizada.

A revitalização é o movimento contrário, pois indica a retomada das discussões sobre preservação, conservação e restauração do patrimônio e, essencialmente, a preocupação com espaços e manifestações que permitem o olhar, a convivência, o conhecimento e a interação com valores, histórias e manifestações.

O homem do século XXI busca o conforto da tecnologia e reconhece, cada vez mais, a necessidade de manutenção do patrimônio como elemento de identidade, de herança cultural, de referência sobre um passado que precisa estar vivo para servir de equilíbrio perante a vida moderna. As fronteiras se aproximam nos quesitos memória, história e tempo. As lembranças constroem a história do Escadão enquanto essa se movimenta num ritmo em favor das mudanças, das reformas frente às propostas e projetos de revitalização.

A importância da revitalização do patrimônio e a reabilitação do espaço urbano fortalecem as manifestações culturais descaracterizadas em sua tradição e o reconhecimento dos cidadãos em relação aos bens culturais.

O pensar na revitalização do patrimônio deve, necessariamente, abordar a discussão dos mecanismos de tombamento, dos recursos financeiros e humanos disponíveis e das alternativas de uso. Acima de tudo, o processo de revitalização tem de ser benéfico para a sociedade, ao transformar o lugar em um espaço agradável para os

cidadãos.

A preservação do patrimônio tem entre suas funções o papel de realizar a continuidade da cultura que permite conhecer os usos e costumes de uma sociedade, bem como a utilização dos espaços físicos para atividades socioculturais, proporcionando condições até mesmo de o indivíduo descobrir o seu papel nesse processo de redescobertas.

Os espaços revitalizados surgem com um dos fatores que podem desencadear o processo de identificação das pessoas com sua história e cultura. A revitalização e os estudos sobre as formas de uso e interação com o patrimônio devem ter profissionais capazes de pensar nestas questões, de apontar alternativas. As pesquisas e debates devem ser multidisciplinares e ter como referência a comunidade e seu patrimônio. Barreto (2000) escreve sobre os equívocos da revitalização; defende, porém, estudos que proporcionem a manutenção da identidade. A recuperação da memória fortalece a cidadania e a valorização do patrimônio.

Embora todos os problemas antes mencionados sobre a transformação da história e do patrimônio em bem de consumo e o fato real de que há uma ressignificação nesse processo, acredita-se que é sempre uma melhor opção do que o esquecimento da história, do que a marginalização de bairros ou do que a derrubada de prédios por causa da especulação imobiliária. (BARRETO, 2000, p. 51)

Nota-se nos estudos sobre memória que o objetivo é destacar os trajetos das lembranças e os lapsos de esquecimentos individuais e coletivos. Trabalhos envolvendo o registro da memória coletiva preocupam-se, principalmente, com a percepção sobre a vida dos componentes de um grupo que possuem uma comunidade de destino.

A memória possibilita resgatar marcas de como foram vividos determinados momentos e como estes ganharam significado nas rememorações individuais e/ou coletivas. Afirma-se que com o registro da memória é possível construir uma reflexão a respeito de como o acontecimento histórico vivido se constituiu em um território socialmente estabelecido nas representações coletivas.

Halbwachs (1990), cujas reflexões são sobejamente empregadas por profissionais que trabalham com histórias de vida e depoimentos, sobretudo sociólogos e historiadores, estabelece uma nítida distinção entre memória, história e tempo. O autor tem uma posição contrária às perspectivas que tratam os termos, basicamente como possuidores das mesmas características.

Segundo Montenegro (1993), enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, sempre em sintonia com o que foi estabelecido no momento em que ocorreu, recebendo todo um recorte cultural, temático e metodológico a partir do trabalho do historiador.

A esse respeito, Bosi (1987, p. 17) coloca de maneira clara que “[...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa nossa consciência atual. A memória não é sonho, é trabalho”.

O registro da memória coletiva permite a produção de uma determinada visão do passado. A memória coletiva “é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, mas que retém do passado aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém.” (HALBWACHS, 1990, p. 81-82).

No campo das experiências, Bosi (1987) explora o campo de experiências pessoais registradas na lembrança contadas por outrem. Não é a memória que se tranca em si mesma, mas a que partilha seus conteúdos quando há um ouvido disponível e atento, e que os define, no próprio ato de contar. Há uma história oficial, a dos manuais e das datas importantes que todos, quando estudantes, e sob protesto, tiveram de decorar. A que se refere Bosi (1987) é outra história, a de cada um, construída ao longo da vida, a partir de um cotidiano muitas vezes corriqueiro, mas sempre relevante.

A toda hora, é possível recuperar aspectos do passado: é como se histórias fossem contadas às pessoas. O relato primordial, contudo, é o que pode ser feito por meio do que se vivencia e que é intrínseco à individualidade, mas que ganha uma dimensão social e faz com que a experiência coletiva

seja ampliada através da palavra.

No Brasil, com o intuito de preservar os patrimônios culturais, compreendendo a importância desse processo de lembranças – memória e preservação –, a Constituição brasileira estabelece que o poder público, com a cooperação da comunidade, deve promover e proteger o “patrimônio cultural brasileiro”. Entende-se que uma forma de fazer isso é através do tombamento, que, de acordo com normas legais, equivale a registrar com o objetivo de proteger, controlar, guardar e restaurar. Entretanto, independentemente do tombamento, a restauração e a manutenção desses lugares são de vital importância para a preservação da identidade cultural e histórica da cidade.

O Escadão, embora não seja um patrimônio tombado, entra neste contexto, pois foi usado para eventos sociais e de realizações pessoais, além da relevância no desenvolvimento da cidade. Sua reconstrução histórica se fez naturalmente, partindo do princípio da sua importância na vida de uma sociedade que se desenvolvia em passos largos, acompanhando o desenvolvimento urbano com os eventos sociais públicos que ocorriam nele e em seu entorno, em períodos marcantes, registrando sua potencialidade enquanto espaço público de uso.

Outro fato a ser ressaltado sobre o Escadão, ainda neste ano de 1929, chamado Morro do Grupo, é que **ele seria reformado** (Anexo II) para se transformar em um belvedere, isto é, um pequeno mirante. Certamente, poderia ter se transformado num dos mais belos pontos turísticos de encontros da cidade, até mesmo pelos seus muros em balaústres especialmente idealizados para conservarem assim os padrões arquitetônicos da época.



Fonte: foto Record – Vista do Escadão no Morro dos Expedicionários – década de 1950

A HISTÓRIA ORAL

A história oral foi instituída desde 1948, após a invenção do gravador, como uma técnica moderna de documentação histórica. Tinha a finalidade de gravar as memórias de personalidades importantes da história norte-americana.

No Brasil, essa metodologia foi introduzida na década de 1970, quando foi criado o Programa de História Oral do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil). A partir dos anos 1990, o movimento em torno da história oral cresceu muito. Em 1994, foi criada a Associação Brasileira de História Oral que congrega membros de todas as regiões do país. Seus membros reúnem-se periodicamente em encontros regionais e nacionais, editando uma revista e um boletim.

Dois anos depois, em 1996, criou-se a Associação Internacional de História Oral, realizando congressos bianuais e que edita uma revista e um boletim. No mundo inteiro, é intensa a publicação de livros, revistas especializadas e artigos sobre história oral. Há inúmeros programas e pesquisas que utilizam os relatos pessoais sobre o passado para o estudo dos mais variados temas.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar.

Além disso, um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, permite compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas.

O trabalho com a metodologia de história oral compreende todo um conjunto de atividades anteriores e

posteriores à gravação dos depoimentos. Exige, antes, a pesquisa e o levantamento de dados para a preparação dos roteiros das entrevistas. No caso específico do Escadão, notou-se a importância da utilização desta metodologia para a formação do cenário não registrado.

As lembranças de fatos ocorridos no Escadão no decorrer desses anos foram resgatadas e expressas de forma tão peculiar que trouxeram a história para dentro da comunidade, ao mesmo tempo em que se foi extraído a história de dentro da comunidade, tornando-se uma história construída em torno de pessoas com sentimentos e sensações similares.

Esse processo admite as pessoas como se fossem heróis, especialmente, os idosos que conquistam uma autoconfiança ao perceberem a importância dos fatos que viveram. Buscam de todas as formas resgatar os fatos misturados a um processo de compreensão como se, justificando-os, fosse uma oportunidade de retomar o passado para vivenciá-lo e talvez até modificá-lo. Quando se deparam com a realidade atual percebem que poderia ser diferente e o que parecia ser apenas uma experiência isolada passa a ser um contato entre classes sociais e entre gerações.

A história oral pode proporcionar o sentimento de pertencimento a um determinado local e a uma determinada época ao mesmo tempo em que desafia os mitos e as verdades à sua consagração, por ter como característica essencial a subjetividade, a independência de suportes probatórios, a descartabilidade de referenciação exata. Outra característica de importância relevante é a construção de narrativas que se inspiradas em fatos, admitem fantasias, delírios, silêncios, omissões e distorções, sem dizer das contradições naturais da fala. Não há um roteiro, mas sim a ideia de entrevista livre.

As memórias e recordações de gente viva sobre seu passado oferecem um meio de transformação muitas vezes radical no sentido social da história. Um exemplo disto é o Escadão que, por muitos anos, devido a sua degradação e esquecimento, teve sua importância esquecida. As histórias são narradas por pessoas que se utilizavam dele como acesso à parte alta da cidade, para formar as rodas de amigos para

longas conversas, bate-papos, ou mesmo para a rebeldia, pois ficar no Escadão fazendo travessuras e brincadeiras era um costume entre os jovens desde a década de 1940, estendendo-se, praticamente, até os dias de hoje, se não fosse a reforma estrutural que o fez ficar fechado para uso da comunidade (mas que, com a paralisação das obras, a população acabou reabrindo “com as próprias mãos” o acesso).

Na linha de tempo que vai dos anos 1940 até os anos 1990, foi construída uma história baseada em relatos que expressam a vivência e a experiência de algumas pessoas que acompanharam a trajetória do Escadão. Certamente estes relatos são uma pequena parte diante da grandeza da real importância deste espaço que acompanhou o desenvolvimento socioeconômico e cultural da cidade.

O Escadão presenciou momentos importantes de transformação. A mudança de paisagem pode ser nitidamente reverenciada por aqueles que do alto da colina observavam ao seu redor. O silêncio da noite, a escuridão da cidade, a revolta das águas que invadiam as casas, tudo era observado do alto do Escadão, como se ele fosse uma muralha protetora detendo o avanço desesperado do progresso.

Um depoimento marcante revela que relembrar é trazer para os dias de hoje as mesmas emoções sentidas naquela época, como que deslumbrando um passado adormecido que só aguardava uma oportunidade para transpor, através de um sorriso, a verdade escondida pelo tempo.

No relato de Wilson Polli, há uma mensagem de esperança quando se refere ao Escadão como parte de sua infância.



Wilson Polli, 76 anos

O que tenho para falar sobre o Escadão é que me lembro do dia em que uma criança caiu no rio e se afogou. Todas as pessoas foram procurar pelo menino, mas ele não foi encontrado.

Outra coisa que me lembro é quando eu subia o Escadão para ir pra escola e estudava no andar de cima. Eu mentia para a minha professora dizendo que a ponta do lápis tinha quebrado só para ficar olhando minha mãe estender roupa no varal... porque nós morávamos nas casas da Vila Argos e de lá eu via tudo.

A expressão e o olhar não conseguem transmitir todas as palavras que representariam o que é voltar no tempo e reviver, mesmo que por alguns segundos, as emoções de um tempo em que ir à escola, reencontrar a mãe depois do período escolar e brincar com os colegas significava viver e viver feliz, sem se importar com as mudanças que a guerra trazia, nem com as dores. Era a realidade vivida na esperança de uma vida melhor. Hoje essa alegria é exteriorizada pelo convívio familiar junto daqueles que deram continuidade a este sonho.

Quando se fala de recordações, fala-se em volta ao tempo. Sonhos e idealismos que se cruzam pelos caminhos da

A História Sob os Degraus

vida; desejos embutidos redescobertos num movimento de vai e vem, como se o presente pudesse restaurar as imagens, exteriorizando os mesmos sentimentos, a mesma emoção sentida no tempo passado. O Escadão, no seu papel de espaço físico, colaborou para a formação desta história e hoje suas testemunhas trazem no olhar distante e parado a saudade de um tempo que não volta mais.

O Escadão já não é mais um referencial de espaço físico de grande importância, pois as mudanças foram muitas e quase não se pensa mais nele, e as notícias a seu respeito escondem a verdade e a realidade experimentadas.



Antonio Padovani, 67 anos

Meu nome é Antonio Padovani, tenho 67 anos de idade. Eu sou natural de Jundiaí, e o que eu tenho que dizer sobre o Escadão, o antigo Escadão da nossa cidade aqui... eu tenho lembrança é que, na minha faixa de 8 a 10 anos, frequentei o Grupo Escolar Siqueira Moraes, e era meu caminho obrigatório pra não dar volta, e subia e descia ele todo dia praticamente. E depois, à noite também, depois de alguns anos, eu fiz um curso noturno de mecânica no Colégio Industrial que fica ao lado. E também, servia depois, quando já era... adolescente,

frequentar o Teatro Polytheama, que era um cinema e passava uns filmes interessantes... e também servia pra subir e descer, porque eu morava aqui na região da Vila Arens.

Fora isso aí, também, eu tive os meus avós, que moravam perto, tanto é que as fotos que são exibidas foram tiradas por ele mesmo, que além de ser mecânico, tinha hobby de tirar fotos. Algumas fotos que estão aí expostas foram tiradas por ele próprio. E a história que eu tenho da família, que morava na rua Vigário, é... acontecia muito, digamos assim, muita coisa diferente nesse Escadão, e eu acompanhei depois de muito tempo, por ter parente aqui na Bartolomeu Lourenço, e ser tudo próximo ao Escadão.

Bom, o espaço era praticamente obrigatório, para todo mundo que transitava nessa área, porque, não tinha como, ou usava dar a volta pelo centro da cidade, ou usava o Escadão, que antigamente não tinha perigo nenhum, nem à noite, porque, eu lembro que a gente saía do cinema, entre 9 e 10 horas da noite, e o povo descia ele tranquilamente, o que hoje não poderia fazer.

Esse espaço eu sempre achei muito útil, e que ainda seria, se a prefeitura começasse a fazer uma reforma, que já teve início, e espero que realmente ele fique por muitos e muitos anos servindo à população como um acesso, né... pro centro da cidade e de quem mora nessa região da Vila Arens.

Que ele foi esquecido é verdade, foi deixado de ser usado como eu falei, por causa da segurança, mesmo de dia, tem muito relato no nosso jornal que, acontecia muito assalto de dia, então, o pessoal começou a deixar de usá-lo. Mas agora eu espero que com essa reforma da prefeitura, ele volte a ser usado como um acesso fácil pro centro da cidade. O espaço hoje, eu realmente vou aguardar a reforma que a prefeitura promete.

Eu posso dizer que uns 10, 15 anos atrás, virou uma escada da violência, que começou a ter muito assalto, mesmo de dia eu vi muito relato no jornal que as pessoas eram assaltadas ali, porque ela foi invadida uma época por marginais e espero agora com essa reforma que termine, definitivamente esse problema.

Ali na reforma eu acredito que uma boa iluminação

noturna que eu acredito que vai acontecer, também com a chegada do novo parque Guapeva que está sendo, foi projetado pela prefeitura, e eu acho que também um policiamento que eu acho que diário e noturno.

Eu acho difícil transformar agora em escola, porque inclusive agora parece que é uma biblioteca pública, a escola industrial eu não sei se tem atividade ainda, eu acho que seria ideal pra quem frequenta agora, depois de reformado o Polythema que ainda apresenta muitos shows, teatro, e é uma coisa que ficou um tempo abandonado, mas eu acho que vai servir sim de acesso, mas com segurança à noite.

Acredito que sim... eu não vi o projeto, mas eu acredito que vai dar vida novamente a esse espaço que foi tão importante pra nossa cidade.



Armando Benedito Bonini, 73 anos

Meu nome é Armando Benedito Bonini, eu vim pra Jundiáí no ano de 1953, pela viação Guerra, que fazia o trajeto de Itu-Jundiáí. Desembarquei na Rua Vigário, próximo ao Escadão, que aquele tempo era o caminho percorrido pelos pedestres, dando acesso ao centro da cidade...

O Escadão era bem cuidado, limpo e iluminado, que era usado pelos namorados e jovens que se divertiam pra diversos lazeres, por exemplo... era ir com os amigos jogar conversa fora... havia confissões, como por exemplo, descer o Escadão de lambreta que era o transporte dos playboys da época.

O Escadão era acesso para moradores da Vl. Arens até o Polytheama que era o cinema preferido deles, pois o Ipiranga e o Marabá ficavam mais longe... fica comigo a imagem do Escadão com seus bancos bem asseados, sua iluminação para a época, e jardim bem arrumado... que era especial para as pessoas da região...Próximo ao Polytheama... tinha um footing¹ né? para as pessoas de baixa renda... que também usavam o Escadão para os amores proibidos.

(Entrevista realizada em 25/04/2011)



Cassiano Ricardo Bonini, 46 anos

Meu nome é Cassiano Ricardo Bonini, tenho 46 anos... bom, o Escadão... na minha memória, era um caminho que ligava a cidade à parte alta com a parte baixa da Vl. Arens. Meu pai tinha um comércio há muitos anos ali na rua Bartholomeu Lourenço... é um acesso da cidade para o comércio dele, era feito via Escadão.

Naquela época assim... eu era criança, mas a

1 Footing: passeio informal, caminhada. Os jovens se conheciam praticando footing, as moças giravam num sentido e os moços noutro. Em cada volta, duas vezes cruzavam os olhares em flertes prolongados. Fonte: www.dicionarioinformal.com.br/footing/ acesso 30.04.2012.

A História Sob os Degraus

lembrança que eu tenho é que era bem arborizado, muito seguro, o piso bem regular, muito fácil de ser usado. E hoje a memória que eu tenho daquilo lá é... piso horrível, inseguro, perigoso, o acesso quase que impossível, questão de segurança, das próprias pessoas em volta e da gente mesmo em relação ao piso, o tráfego lá é quase que impossível, e a lembrança que eu tenho...

Era um lugar, que a gente brincava desde criança e quando ficou mais maduro, tinha motos e a gente subia e descia a escada, eu e outros amigos meus, bicicleta, como podia, quer dizer... como se fosse uma forma radical da gente utilizar o Escadão, lógico que preservando ele, não degradando, não estragando, não contribuimos pra que isso estragasse. Mas assim, era um lugar que contribuía para a nossa diversão.

(Entrevista realizada em 26/03/2011)



Joás Lopes (Jô Martin)

Meu nome é Joás Lopes, e meu nome artístico, Jô Martin. Eu vou falar alguma coisa aqui sobre o famoso Escadão, que fez parte de minha infância desde 7 anos de idade, quando eu subia pra ir ao grupo escolar Siqueira Moraes que ficava lá em cima.

O Escadão é parte importante de todo mundo que viveu na Vila Arens, porque era a ligação mais próxima para

subir pra cidade. Um fato curioso sobre aquele local é que ali em frente ao Siqueira Moraes era onde aconteciam as celebrações cívicas. Todos os eventos cívicos eram feitos em frente ao Siqueira Moraes.

O quartel do 2º G. O. 155, que era na Praça Floriano Peixoto, levava os canhões, puxados por burros e os colocava de frente para o parapeito do local, e nas festividades importantes, cívicas, davam tiros com eles, em número de acordo com a data, sendo que o mais demorado era o de 15 de novembro, pois tinham que recarregá-los pela boca, com bucha e pólvora.

Isso foi durante a época da Segunda Guerra Mundial, e nós que éramos alunos do Siqueira Moraes, tínhamos que fazer exercícios, pra nos proteger de bombardeios. Ali também, foram feitas muitas homenagens aos soldados que iam partir pra guerra.

O Escadão fica num morro que na realidade não tinha o jardim que tem hoje, era mato, e grama nativa, que a gente, os estudantes que morávamos na Vila Arens, levavam um papelão e escorregava até lá embaixo. Ali, atrás de onde hoje é o Gandra, e que era a Escola Industrial, tinha um bambuzal, onde aconteciam os encontros amorosos, por que na época não existiam os motéis.

A Rua Barão de Jundiáí realmente terminava na Escola Industrial, com a continuação da mureta até hoje existente. Lá embaixo tinha a famosa "Avenida Torta", que era como os jundiáenses chamavam a Avenida Paula Penteado, que ligava por trás a Vila Arens ao centro, passando por uma rua, na época, proibida para menores, Rua Adolfo Gordo, zona de meretrício em pleno centro da cidade, hoje Rua Zacarias de Góes.

Ali embaixo também tinha um belo, caudaloso e extremamente limpo rio, o Guapeva, onde a gente nadava no fim de semana.

Na época da guerra o exército de Jundiáí era montado, tinha cavalos e burros. Cada sargento tinha o seu cavalo, um mais bonito que o outro. Então Jundiáí recebeu o primeiro jipe para o quartel, um jipinho de quatro cilindros, e a demonstração do seu poderio foi feita no Escadão.

Toda a população da cidade foi convidada pra assistir essa demonstração de força. E esse jipe subiu o Escadão todinho, sob o aplauso da multidão presente a esse grande acontecimento da época.

Mais tarde, quando terminou a guerra, a festividade foi feita naquele local com direito a tiros de canhões e fogos, e resolveu-se ajardinar aquela parte do morro. Os alunos do Siqueira Moraes foram convidados a plantar, cada um, uma árvore. Então lá, realmente, tem uma árvore que eu plantei. Hoje não sei qual é, mas gostaria de saber, só pra poder abraçá-la, porque eu gosto de abraçar árvores.

E aí aquilo se tomou uma imensa passarela, porque as pessoas não subiam mais o Escadão, faziam todo aquele ziguezague, e passaram a ir pra lá no fim de semana, levar lanche, levar refrigerante, fazer uma espécie de piquenique naquele ponto, que era apenas um morro. Então o Escadão tomou-se um atrativo, e pelo fato de nós termos mandado soldados para a guerra, o local passou a ser chamado de Monte Castelo, em homenagem ao grande fato heroico dos brasileiros que tomaram o Monte Castelo na Itália.

Eu gostaria que aquilo realmente se tornasse um ponto turístico, mais vigiado, porque atualmente acontecem coisas desagradáveis ali, pelo fato de as árvores e a vegetação terem crescido muito, tornando-se muitas vezes, ponto de bandidos que passam a assaltar as pessoas.

Deveria se fazer eventos no fim de semana, por que não? No domingo, as pessoas serem convidadas a passar a tarde, onde seriam apresentados conjuntos tocando, transformando o Monte Castelo em um ponto turístico, principalmente para a população da Vila Arens em diante.

(Entrevista realizada em 12/04/2012)



Helena F. Pace, 80 anos

Morava na cidade de São Paulo, quando três de meus familiares foram convidados a trabalhar no Lanifício Argos, isto em 1946.

Vimos morar na Vila Argos, Rua Monteiro Lobato, travessa da Av. Dr. Cavalcanti.

Gostamos muito da cidade, fomos bem recebidos pelos vizinhos e colegas de trabalho dos meus familiares, nos adaptamos facilmente, adotando esta cidade onde estamos até hoje.

As pessoas utilizavam o Escadão para facilitar sua ida à parte da cidade alta principalmente quando iam ao Cine Teatro Polytheama, onde havia grande programação de bons filmes, peças teatrais, orquestras sinfônicas, balé. Ponto de encontros semanais, dos que gostavam de cultura e distração.

Também alunos e professores da Escola Industrial, hoje denominada Antenor Soares Gandra, o Grupo Escolar Siqueira Moraes, os frequentadores da Loja Maçônica, até hoje

existentes no local.

O Escadão, como até hoje é chamado, por possuir 120 degraus, numa subida reta, incrustado num morro onde predominava o capim chamado de barba de bode, por ser formado por touceiras em forma de fios e tinham como propriedade segurar a terra para não desbarrancar. Essa escada era estreita, feita de tijolos revestidos de cimento, que com o tempo e a água da chuva, foi se desgastando, dificultando transitar por ele, aí fizeram a reforma como está hoje.

No topo da escada, não havia estacionamento para carros, apenas a Rua Barão de Jundiáí. Era uma praça grande, com árvores, um muro baixo com alguns bancos de cimento nele encostados.

Local de encontro de amigos, de namorados, de descanso pela subida íngreme, de admiradores da bela paisagem que se descortinava a nossa frente.

Recordações felizes de um tempo que não volta mais!

(Entrevista realizada em abril/2012)



Natália Freire Vidal, 21 anos

Meu nome é Natália Freire Vidal, eu tenho 21 anos, o que eu lembro de lá... só... é que, eu saía da escola e descia o Escadão, pra ir embora, pra pegar o ônibus, atravessava... usava como meio de atravessar, tipo... da escola até o ponto de ônibus, eu não costumava ficar lá, pra conversar com meus amigos.

Mas eu lembro que quando a gente parava lá, por que já era na porta da escola, eu lembro que ficavam lá para fumar maconha. Aí o que eu lembro do Escadão, é que ficavam fumando maconha, eu lembro que a gente brincava que tinha que tomar cuidado com a turma da noite, porque sempre que a gente passava por lá tinha camisinha usada e jogada, aí era também um cheiro forte de urina, urinavam por lá, O que eu lembro que tinha lixo acumulado nas raízes das árvores, lixo, camisinha, essas coisas.

O que eu lembro é da escada, quando a gente tinha excursão, a gente sentava lá e ficava conversando e esperando o ônibus. Mas na minha experiência que eu lembro, que eu usava como pra sair da escola e pegar o ônibus lá embaixo.

Eu lembro que a gente parou um dia por alguma coisa da escola, a gente fez exercício, subir e descer a escada. Não, pra observar alguma coisa diferente não, acho que a intenção do professor era só isso, fazer atividade física fora da área escolar.

A História Sob os Degraus

Mas o que eu me lembro assim, é que eu achava bonito, só que na minha opinião eu acho que é um lugar abandonado, pelo fato de todo mundo ter medo de passar lá, todo mundo falava que tinha medo de ser assaltado lá, por ser um lugar escuro, sem iluminação, de dia, como eu estudava à tarde, quando eu chegava tinha luz e então nós íamos em bando, só que descia correndo, mas eu achava um lugar bonito.

O que eu lembro é só isso, não é uma lembrança, é tipo, a muretinha, o pessoal sentava e ficava conversando... mas era assim, até parecia um lugar tranquilo, mas por ser descuidado... sei lá, é diferente de uma praça que você vai lá e está tudo cuidado...

Eu lembro de paisagem, a parte de trás do Polytheama, eu achava muito bonito, o Gandra também...

Não eu não lembro, o que eu lembro é que ele usava as escadas para fazer os exercícios, a gente subia e descia, mas não ia até o final da escada...

A limpeza do local, né, por que uma coisa que era ruim lá, era o forte cheiro, botar umas mesinhas, um lugar pra sentar lá, poder fazer piquenique, conversar, ou até pra jogar, por que tipo, na Vila Hortolândia, tem uma praça, onde os senhores vão lá pra jogar cartas, xadrez, dama... eu, particularmente, iluminaria mais o local, cuidar mais das árvores... deixar o lugar parecendo um pouco mais um parque.

(Entrevista realizada em 30/03/2011)

As recordações com riquezas de detalhes na narrativa de Helena Pace demonstram uma paisagem bem diferente da que se vê hoje. Na parte superior do Escadão, os bancos já não existem mais e a rua está dividida por um canteiro. Ao contrário do que foi relatado, hoje o local serve de estacionamento e os encontros já não mais acontecem, pelo menos com tanta frequência.

“A bela paisagem”, como Helena Pace se refere, já não se descortina como antigamente, pois as árvores frondosas, a folhagem e o mato escondem em suas entranhas a vista panorâmica da cidade que se desenvolveu. Ao invés de casas, fábricas, crianças brincando e pessoas passando, há prédios, comércios, carros, todos resultantes de um crescimento natural. O progresso veio se instalando na cidade. O Escadão assistiu a tudo e por que não dizer, perguntando-se o porquê do seu esquecimento.

Uma das principais ações e desafios que o poder público enfrentaria neste contexto seria devolvê-lo à sociedade como um espaço de utilidade à comunidade, seria uma forma de recompensar e estimular o seu uso com atividades que as crianças e os adultos pudessem participar, proporcionando à comunidade as mesmas oportunidades de usufruir dos encontros amorosos, do descanso, das brincadeiras infantis, das comemorações, da bela paisagem, das conversas secretas (Anexo V).

Hoje esse espaço é utilizado apenas como passagem, as pessoas correm com receio de passar muito tempo naquele espaço. Poucos são os que ainda contemplam, como Helena Pace, a paisagem deslumbrante. Apenas os que buscam um descanso se remetem a isto. Sentam-se não mais nos bancos de cimento, mas no muro. Deitam-se no chão cimentado e frio buscando descanso, mas não mais pela subida íngreme, mas pelo descanso da vida.

Sob os degraus ou mesmo sob o muro de arrimo, as conversas já não são mais longas, pois o tempo é precioso e o dia termina logo. O entardecer, pela ausência da luz natural, torna o espaço escuro e triste. E sair do local é preciso, para se proteger da insegurança da noite (Anexo VI).

Renovar, reavaliar, revitalizar o espaço traria as pessoas de volta? Acreditar que isso seja possível já é o primeiro passo. O próximo seria desenvolver as ações pertinentes ao espaço, como forma de preservá-lo e devolvê-lo à comunidade como um espaço de lazer.

FOTOGRAFIA COMO FONTE HISTÓRICA

Quando se estuda a história de qualquer espaço público, apropria-se do e se descobre o resultado da ação dos homens ao longo do tempo, identificando a realidade concreta individual e coletiva daqueles que de alguma forma utilizaram os espaços.

A utilização, realidade formada, cria o passado que é experimentado no presente como algo a ser conhecido, entendido a fim de projetar uma ação futura. Todos, de uma forma ou de outra, sentem e vivem o passado buscando seu espaço de identidade no mundo.

São formações gigantescas que englobam os sonhos, as fantasias e os desejos mais íntimos que, colocados num contexto geral, criam as perspectivas de uma realização do hoje, tentando cada vez mais o aprimoramento e o fortalecimento nas experiências vivenciadas. A dinâmica do ontem e do hoje, muitas vezes, é registrada em fotografias que, ao longo da história, sempre estiveram presentes como forma de expressão humana.

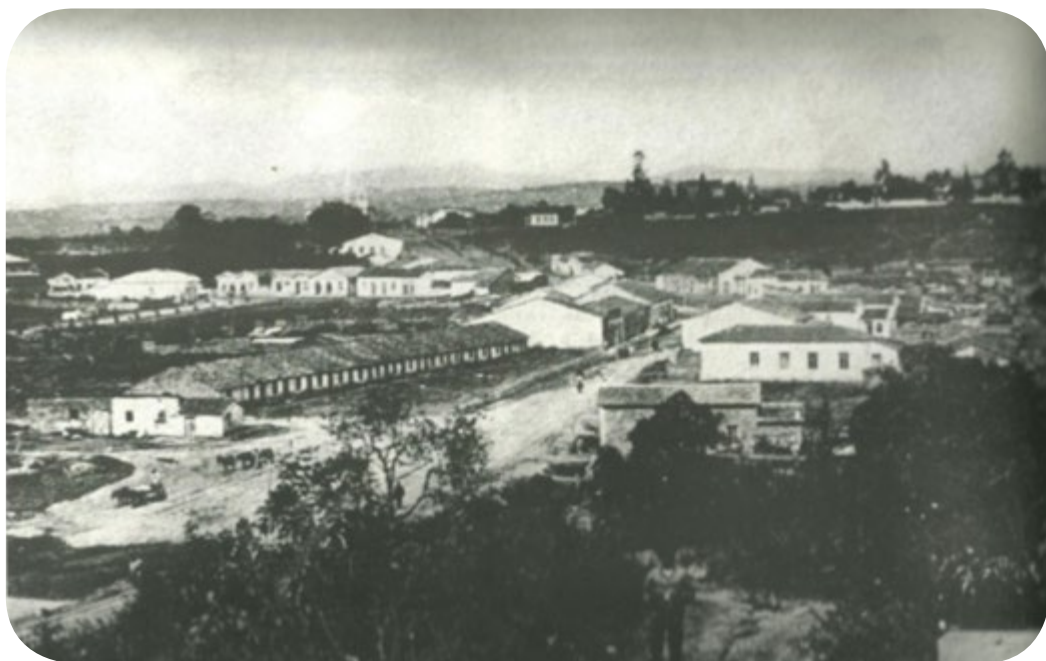
Por meio do estudo das imagens, é possível desvendar características econômicas, sociais e culturais de uma determinada sociedade. As fotos revelam costumes, práticas e histórias de vida, confundindo-se com a própria memória. As mudanças na paisagem, na estrutura física do local, mudanças gerais que são registradas em fragmentos de tempos históricos diferenciados e sucessivos, permitem visualizar as transformações do local.

Muitas vezes, não há a recordação dos fatos, mas das imagens produzidas num determinado momento. As fotografias contam um mundo invisível, levando a questionamentos no sentido de reconstruir o percurso que levou àquela cena. Uma mistura de antes, durante e depois para se compreender o momento em que os fatos ocorreram.

Questionamentos sobre o que se fotografou, o porquê, as mudanças do local, a relação dos que foram fotografados e o que de mais importante ocorreu naquele espaço de

tempo. Outras vezes, os atores são levados a lembranças mais distantes e íntimas, estimulados a uma viagem de tempo e espaço em questão de segundos. É possível verificar que as fotografias são importantes para contar e reconstruir a história para se chegar ao que não está aparente, numa tentativa de se conhecer melhor o seu objeto de análise.

A fotografia é uma marca, não necessariamente representando a realidade na sua totalidade, mas é um meio para que se chegue o mais próximo possível da verdade, representando algumas vezes o único elo com um tempo já distante, recuperando vínculos entre sucessivas gerações e possibilitando a continuidade visual do passado.



Desenvolvimento do Bairro da Vila Arens – Vistas do Morro do Grupo
Fonte: Acervo Centro de Memória de Jundiáí.

Ao mesmo tempo em que a cidade se desenvolvia, o Escadão continuava fazendo parte do cenário, presenciando fatos sociais, servindo de lazer à comunidade, de caminho seguro àqueles que se serviam dele para chegar até a parte alta da cidade, até então o ponto mais alto e expressivo da cidade, e de onde podiam se deslumbrar com a paisagem.



Fotos tiradas do mesmo ângulo mostrando o desenvolvimento do Bairro da Vila Arens – Vistas do Morro do Grupo
Fonte: Acervo Centro de Memória de Jundiáí.



Foto do Bairro da Vila Arens, no canto à direita parte do morro do Escadão, e a Rua Vigário J. J. Rodrigues.

Fonte: Acervo Biblioteca Municipal de Jundiaí.

Considerada como um documento, segundo Ciavatta (2003), a imagem fotográfica com suas múltiplas faces decifra o que está além dos aspectos visíveis. Nesse momento, depara-se com a grande dificuldade que a fotografia encontra em ser uma fonte documental, pois superar a contemplação estética, o encanto exercido pela imagem representada e apreendê-la enquanto produção de significados envolve diversos fatores importantes e cuja análise contempla todo um processo de conhecimento, recursos tecnológicos e condições sociais e históricas em que foram efetuados os registros.

A compreensão da fotografia como fonte histórica supõe conhecer os espaços e os tempos determinados de sua criação, as condições de seu desenvolvimento como técnica e arte, sua apropriação, preservação e uso pelas gerações. Uma coisa é certa: se as fotografias possuem caráter informativo, elas simultaneamente fazem parte de uma recriação da realidade de conformidade com a visão particular dos grupos sociais que a produzem.

Kasoy (2001) se coloca neste contexto afirmando que a imagem fotográfica tem múltiplas faces e realidades, onde a primeira face é o visível, o que se vê impresso, imóvel no documento, e a segunda realidade é o invisível, o que podemos intuir, imaginar e reconstruir. Para isso, deve-se analisar o contexto em que a imagem foi produzida e a história de vida dos sujeitos que a envolvem – quem retratou e quem foi retratado.

Segundo Mauad (1996), do ponto de vista temporal, a imagem fotográfica permite a presentificação do passado e requer um caráter transdisciplinar, para investimento de um sentido, um sentido diverso daquele dado pelos contemporâneos da imagem, mas próprio à problemática a ser estudada, onde a competência daquele que analisa imagens do passado reside: no problema proposto e na construção do objeto de estudo, sendo necessário que as perguntas sejam feitas e assim sejam organizadas as possíveis respostas.

Além do quê, apreciar uma foto é sempre um momento de prazer. Em cada foto um experimento diferente. Sensações e emoções se exteriorizando num ritmo acelerado como se fosse possível entrar na imagem e viver, em questão de segundos, o que representa décadas.

Um fato resume toda a contemplação de pessoas ou lugares e traz à recordação aspectos do passado. É possível ser tomado pelo prazer de vaguear o olhar em imagens que não possuem qualquer marca de uma presença conhecida, como fotografias de uma festa qualquer ou retratos de lugares que jamais foram visitados. Em uma sociedade ocular (centrada nos apelos da visão e da visibilidade), a fotografia exerce uma poderosa atração sobre aqueles que a miram.

No entanto, a foto não esgota sua utilidade ou função pela simples contemplação estética. Exceto em algumas fotos artísticas, o que prende a atenção à imagem não é apenas a apreciação do belo, mas a possibilidade de reconhecer/conhecer o real. Há uma viagem no tempo e no espaço, tocando-se o passado eternizado pela ação mecânica da máquina fotográfica. Nesse sentido, pode-se afirmar que a fotografia é importante como fonte para a história e a história da educação residiria nesse seu dom de permitir visualizar o

ontem e o outro.

Apesar de apaziguadora, essa relação entre fotografia e história, especialmente desde o fim dos anos 1970, vem sendo problematizada. De acordo com Vidal (1994 e 1998), tais estudos apontaram para a necessidade de se indagar a fotografia em seu próprio código, como uma linguagem não verbal, limitada em suas opções pelos recursos técnicos e estéticos de cada época, o que evidencia aspectos formais do registro.

No campo da teoria da história, os alertas de Le Goff (1984) sobre a monumentalidade dos documentos fizeram recair sobre a imagem o questionamento acerca da intencionalidade de sua produção. Nos questionamentos de o quê, quem, o porquê e quais os interesses do registro de um determinado instantâneo foram indicados como constituintes da prática historiográfica, na assunção de que as imagens do ontem não são neutras, mas produzidas com o objetivo de legar ao futuro certas representações do presente.

Se as duas primeiras perguntas endereçar-se-iam a abordar aspectos de conteúdo da fotografia, as duas últimas, associadas à importância de se conhecer o fotógrafo, sua produção, e, se for o caso, o contratante do serviço, indicariam o desejo de tentar recuperar aspectos ideológicos da imagem fixada.

Antonio Padovani, neste contexto, relata que fotografar era o hobby de seu avô, vindo da Itália. Quando não estava trabalhando como forjador em sua oficina, buscava registrar a paisagem e os fatos que ocorriam na Rua Vigário J. J. Rodrigues, em frente à sua casa, aproveitando-se desses momentos para praticar seu maior hobby. Não é à toa que muitas delas transformaram-se em cartões-postais da cidade. A dinâmica das cidades chega a ser tão intensa que fotografar hoje é registrar algo que jamais possa se ver novamente.

Exemplo disto é um cortejo fúnebre, ocorrido em 1934, na Rua Vigário J. J. Rodrigues, que subia em direção ao Cemitério Central Nossa Senhora do Desterro.



Fonte: Acervo Antonio Padovani.

Ao fundo do lado direito, observa-se o Escadão apenas com o muro de arrimo que o separava dos quintais das casas que ficavam ao lado do Polytheama. Nota-se também pessoas no muro e na calçada em frente ao Escadão, utilizando-o como arquibancada a reverenciar o cortejo que passava. A foto foi tirada pelo avô de Antonio Padovani do alto do sobrado onde residia junto com seus filhos e próximo à sua oficina.



Portal - BENVIND'O'S - construída para a Festa da Uva de 1934, na Rua Vigário J.J. Rodrigues. Fonte: Acervo Antonio Padovani.

Ao se estudar a história do Escadão, através das fotografias, percebe-se a sua relação com as mudanças na paisagem urbana.



Fonte: Acervo do Museu Histórico e Cultural de Jundiáí.

Observa-se, neste período, o Escadão bem conservado e iluminado. Na imagem seguinte, está a Escola Industrial, em frente ao Escadão, de onde as pessoas observavam a cidade do alto.



Fonte: Acervo da Escola Estadual Antenor Soares Gandra.

Na imagem do Escadão, em 2012, é possível observar como a paisagem se transformou. Não existe mais o muro e se consegue admirar a cidade deste ponto, somente entre as árvores:



Fonte: Acervo pessoal da autora desta pesquisa.

Hoje se pode notar o abandono deste espaço público pela ausência de reformas e manutenção que proporcione condições de as pessoas o utilizarem, como meio de cortar caminho para se chegar ao centro da cidade ou para encontros de amigos e lazer.

A iluminação precária existente não é suficiente para atrair os jovens para encontros com amigos e sua utilização para se chegar à parte alta também não foi fator relevante para a continuidade de seu uso, pois com a chegada dos carros e ônibus o acesso à parte alta da cidade é feito por ruas que foram sendo abertas no entorno da colina onde se localiza o Escadão.

Completando este cenário com vista à parte baixa da cidade, as mudanças foram marcantes, como se pode verificar na comparação entre as imagens a seguir.



Ontem e hoje de Jundiá.

Fonte: www.portalj.com.br/memoria acesso em 08/06/2012

As ruas alargadas, os prédios comerciais e as residências assumiram uma figuração moderna, consequência do desenvolvimento socioeconômico da cidade. Lojas de tecidos, ferragens, hotéis e restaurantes, botequins entre tantos outros comércios que invadiam a cidade e transformavam o cenário ao redor do Escadão.

HISTÓRIA E LITERATURA

Compreender a relação entre história e literatura, tem sido motivo de debates nos dias de hoje. As esferas de estudos e análises que se tem da dimensão dos registros que envolvem a movimentação do homem na sua historicidade, seus anseios e sua visão de mundo, tem conseguido grandes avanços, possibilitando ao historiador utilizá-la como espaço de pesquisa.

Lima (1969, p. 35) define, de forma mais ampla, que a obra literária “expressa uma visão articulada do tempo”, visão que oportuniza ao leitor “entendimento crítico da realidade. E quando dizemos crítico, pensamos em um ato que não se encerra em compreender, mas em atuar a partir dessa compreensão.” Desta forma, a literatura parece cumprir um papel importante entre a diversão e o autoconhecimento, pois permite um trajeto de entendimento que possivelmente não alcançaria se fosse privada deste processo.

De acordo com Pesavento (1995), embora os estudos revelem que a história e a literatura oferecem papéis diversos na construção da identidade, ambas se apresentam como representações do mundo social, com valores a serem considerados pelos historiadores como mais uma fonte histórica com suas representações, resgatando a rerepresentação do mundo que comporta a forma narrativa.

As histórias do Escadão contemplam essas definições quando encontram na própria história da cidade laços de afinidade entre a vida dos moradores e o desenvolvimento desenfreado da cidade nos aspectos socioeconômicos.

O registro destas mudanças é marcado desde obras literárias de um dos ícones da história jundiáense, Geraldo Tomanik, desenhista, historiador e cronista. Uma de suas atividades relevantes foi ocupar a função de diretor do Museu Histórico e Cultural de Jundiáí, por 25 anos, e 40 anos dedicados a desenhar plantas na Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Jundiáí. Nas horas vagas, desenhava com bico de pena a antiga Jundiáí com base em relatos e fotografias.

Todo esse material tornou-se uma das mais belas obras sobre a cidade de Jundiáí. O livro **As fotos, os traços e a história**, de sua autoria, foi um presente nos 350 anos da cidade, sendo considerada uma verdadeira referência ao passado jundiáense. Segundo Tomanik, um livro não serve apenas para contar histórias, mas também para educar, ao lembrar a antiga Jundiáí, com praças arborizadas, fanfarras, o patriotismo das pessoas, um dos valores que falta ao cidadão e à efervescência cultural.

Embora sejam marcados por imagens da cidade, seus textos expressam a realidade de uma forma simples ao invés de textos longos e cansativos. Seu livro **Jundiáí – cronologia histórica** traz datas, fatos e constituição da cidade, com anotações feitas por ele, cobrindo um período de 1651 a 1975, que vão desde notícias publicadas pela mídia local da época e uma antiga toponímia dos logradouros públicos de Jundiáí.

II - O ESCADÃO E A HISTÓRIA DE JUNDIAÍ



Fonte: Acervo João Borin.

JUNDIAÍ NO CAMINHO DAS ESTRADAS DE FERRO



Trem elétrico junto à estação de Jundiaí Paulista, 1929.
Fonte: www.criticalpast.com.

A ferrovia chega em 1867, com a inauguração da Estrada de Ferro São Paulo Railway Company, ligando Santos a Jundiaí, marco de grande importância para a época, um meio para escoar o café colhido no interior do estado de São Paulo e na região. O desenvolvimento do ciclo do café, vinculado à chegada da ferrovia e à urbanização, impulsionou a cidade de Jundiaí para o desenvolvimento industrial. Grandes companhias instalam-se no bairro da Estação, como era chamado. Nas últimas décadas do século XIX os imigrantes, em sua maioria italianos, começaram a chegar à cidade e fincar suas raízes.

Jundiaí era a última cidade da Estrada de Ferro de Santos. Como se declarou, na época, que não seria possível

prolongar a ferrovia adiante, devido às perdas com a Guerra do Paraguai e o desinteresse dos ingleses. Um grupo de fazendeiros, negociantes e capitalistas que necessitavam de um meio para escoar o café cultivado no interior fundam a Companhia Paulista de Estradas de Ferro no dia 30 de Janeiro de 1868, porém as obras de construção da linha iniciaram-se mais de um ano depois desta data, após as aprovações pelo Governo Imperial. Finalmente, em 1872, foi inaugurado o primeiro trecho, entre Jundiaí e Campinas.

A ferrovia representa, neste contexto, a memória dos produtores de café e a dos trabalhadores, do campo e da cidade, que participavam desta atividade econômica. Os ferroviários tiveram um papel de relevância, pois foram responsáveis pela criação de grêmios recreativos, associações culturais e times de futebol que, com mudanças ao longo do tempo, ainda estão presentes na cidade. O Grêmio dos Empregados da Cia. Paulista, Gabinete de Leitura Ruy Barbosa e o Jundiahy Foot Ball Club, hoje conhecido como Paulista Futebol Clube, são grandes exemplos das iniciativas concretizadas pelos operários da ferrovia.

As atuações dos ferroviários prosseguiram ao longo dos anos e não cessaram por aí. Os operários da Companhia Paulista foram responsáveis pela organização de movimentos reivindicatórios que foram registrados, ou pela unidade que os caracterizava, ou pelos atritos com a polícia. De grande relevância, as ferrovias fizeram de Jundiaí uma cidade reconhecida por suas potencialidades industriais, o que gerou grandes investimentos; e também se levando em conta a sua localização geográfica estratégica, o que acentuou os investimentos na cidade.

IMAGENS DO ESCADÃO NO CONTEXTO HISTÓRICO DE JUNDIAÍ



Início da Rua Barão de Jundiáí, 1928.
Fonte: Acervo Centro de Memória de Jundiáí.

A partir de 1651, a capela primitiva de Nossa Senhora do Desterro é curada, que era na época essencial para o reconhecimento da existência de uma povoação. Em 1655, Jundiáí é elevada à categoria de Vila, tendo o seu primeiro plano urbanístico efetuado em 1657.

Elevada à categoria de cidade, em 1865, Jundiáí seguiu nas décadas posteriores uma estratégia de cruzamentos ferroviários, com a conclusão da Ferrovia Santos-Jundiáí. Em 1867, com a inauguração da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, da Companhia Itatibense e, finalmente, da Companhia Bragantina, em 1891, foram gerados polos de

imigração na região, com a chegada de ingleses, italianos e espanhóis.

Impulsionada pelo desenvolvimento industrial, a cidade de Jundiáí, já na metade do século XX, era destaque na produção fabril com as indústrias São Bento, Argos, Japi e Milani. Todas localizadas próximo ao Escadão, mais precisamente na parte baixa. Aí se concentravam a moradia dos operários, formando uma das principais vilas existentes até hoje: a Vila Argos (imagem a seguir), onde se ressalta a arquitetura das casas que abrigavam famílias que chegavam à cidade em busca de oportunidades de trabalho por uma vida melhor. (PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE JUNDIAÍ, 2012)

A Vila Argos nasceu em função da Argos Industrial, considerada como a grande mãe da população dos que residiam por lá. Uma sociedade formou-se com a efetiva ocorrência de correntes migratórias e imigratórias do período pós-2ª Guerra, proporcionando à cidade uma ampla diversidade de experiências sociais que acumulavam culturas de várias regiões do país e do mundo.



Argos Industrial S.A. e Vila Argos, década de 1930.

Fonte: www.portalj.com.br



Polytheama – inaugurado em 1911 na Rua Barão de Jundiáí. Foto do início da década de 1920. Fonte: Acervo Centro de Memória de Jundiáí.

Com a necessidade de se integrar à parte alta da cidade, os primeiros degraus foram construídos ainda sem plantas, sem qualquer regra, no ano de 1927. É sempre difícil avaliar as prioridades do município quando este se mantém numa dinâmica de desenvolvimento constante, como era o que ocorria na época em que a cidade crescia junto a fatores relevantes, com a participação da tecnologia das estradas de ferro na construção de material bélico para as guerras.

A história mostra que, nessa época, a cidade se viu invadida pelo desenvolvimento cultural que as indústrias locais faziam questão de auxiliar. Os cinemas tornavam-se a diversão daqueles que tinham acesso a eles. Os rolos de filmes subiam os morros para irem a outro cinema, o então Cine Polytheama.

Helena Pace, 80 anos, relata que três de seus parentes foram convidados para trabalhar no Lanifício Argos, em 1946, e por esse motivo vieram morar na cidade, mais precisamente na Rua Monteiro Lobato, no bairro da Vila Argos. Segundo

ela, as pessoas faziam uso do Escadão para ir à parte alta, principalmente, quando iam ao Cine Teatro Polytheama, onde havia uma grande programação com bons filmes, peças teatrais, orquestras sinfônicas e balé. Era o ponto de encontro semanal para aqueles que gostavam de cultura e distração. Ela se refere ao Escadão como um local de encontros entre amigos, namorados, de descanso pela subida íngreme e de admiradores da bela paisagem que se descortinava.

Não era somente a bela paisagem que era compartilhada, mas os acontecimentos que abalavam toda a cidade, como o caso da enchente de 1928.



Fonte: Acervo Antonio Padovoni.

Do alto do Escadão era possível ver as águas do rio invadindo as casas da Vila Argos e a Indústria Milani. As pessoas indignadas se reuniam para observar o fato ocorrido e alguns subiam nas encostas do Escadão para ter uma visão mais ampla do acontecimento.

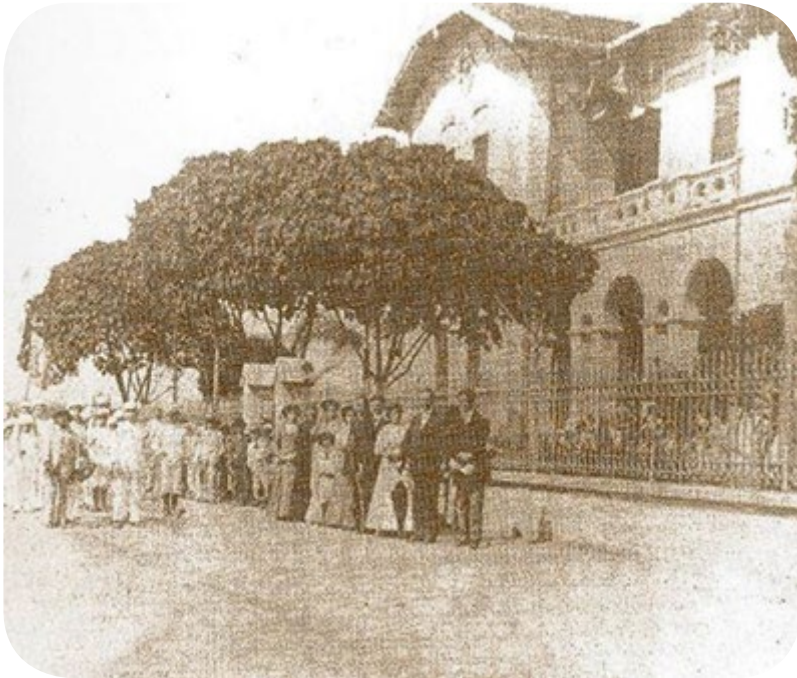


Fonte: Acervo Antonio Padovani.

Observa-se na figura uma vista panorâmica desta enchente que marcou época e deixou rastros de destruição. O Escadão participava destes acontecimentos e as pessoas o consideravam como um porto seguro, pois lá as águas não subiriam e as manteriam em segurança. Helena Pace descreve o Escadão como sendo uma escadaria com 120 degraus, numa subida reta, incrustado num morro construído de tijolo e cimento. Esses acontecimentos não impediram que o processo de desenvolvimento se acentuasse, trazendo benefícios e alterações na estrutura sociocultural e econômica da cidade.

Importante recordar um fato da Segunda Guerra Mundial, em 1946: a relevante vitória da FEB na Itália, mais precisamente na Esplanada Monte Castelo. Transformou o simples Morro do Grupo, como era popularmente conhecido, como o monumento em homenagem àqueles que deram parte de suas vidas nesse evento histórico mundial.

Na foto a seguir, o Morro do Grupo, como era inicialmente denominado, por abrigar na parte alta o Grupo Escolar Cel. Siqueira Moraes. O prédio Tombado pelo CONDEPHAAT abriga hoje o Centro Jundiense de Cultura – Jorosil, onde está estabelecida a Pinacoteca Diógenes Duarte Paes.



Fonte: www.portaljj.com.br.

Como se pode observar, o Escadão registrava o crescimento dos bairros da Vila Arens e Vila Argos, bairros estes constituídos pela classe operária que crescia acompanhando

A História Sob os Degraus

o desenvolvimento industrial, em consonância com a Companhia Paulista de Estrada de Ferro e a instalação da primeira fábrica de tecidos do município, a então Companhia Jundiahyana de Tecido, conhecida posteriormente por Fábrica São Bento.



Fonte: Acervo Escola Estadual Antenor Soares Gandra.

Outro marco importante foi a vinda da Escola Industrial, localizada ao lado do Grupo Escolar Siqueira Moraes, que era utilizada por aqueles que queriam cursar um ensino profissionalizante, importante na época, pois a cidade registrava o desenvolvimento industrial, e por isso os ensinos técnicos contribuía para a formação de mão de obra especializada. A partir desse momento, Jundiá dava os primeiros passos para se tornar um polo industrial, ampliando, pouco a pouco, a vinda de indústrias nacionais e multinacionais que se instalaram na cidade, gerando novos empregos com mão de obra especializada.

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO ESCADÃO ATRAVÉS DA MEMÓRIA DOS EVENTOS

Um dos primeiros eventos marcantes na memória dos eventos sociais foi a Festa da Uva de Jundiaí, em 1934, perdurando até os dias de hoje. Havia um portal com a inscrição “Bemvind’o’s” que saudava a todos os visitantes que chegavam de carro e de trem, vindos da capital e cidades vizinhas para participar da festa.

1ª Exposição Viti-Vinícola e de Frutas do Estado de São Paulo em Jundiaí - Festa da Uva como ficou conhecida: a exposição das frutas foi realizada no Mercado Municipal, hoje Centro das Artes, conjuntamente, realizou-se também a 1ª Exposição Industrial no recinto do Grupo Escolar Conde do Parnaíba.

O evento conseguiu trazer para Jundiaí uma multidão de visitantes que chegavam à cidade em trens lotados da capital, enfrentando a falta de acomodações com barracas armadas nas praças do centro e consumindo todo o vinho disponível nos tonéis. A festa, organizada com apoio estadual e municipal, chamou a atenção do País inteiro para a condição de Jundiaí como centro produtor de uvas.

Realizada na administração do prefeito Dr. Antenor Soares Gandra, uma exposição que não só interessou ao Brasil como teve repercussão internacional, tendo sido visitada por representantes de vários países. Mobilizou toda a cidade, os vinicultores e as indústrias.



Foto com cortejo na Rua Vigário J. J. Rodrigues, década de 1930. Foto Gelli. Fonte: Acervo João Borin.

Os cortejos fúnebres eram vistos pela população com muito respeito. Os comércios fechavam suas portas, aguardando a passagem do cortejo que seguia em sentido ao centro, onde se localizava o cemitério da cidade. Um exemplo é o cortejo fúnebre de um grande empresário da época, dono da Indústria Milani, passando pela Rua Vigário J. J. Rodrigues. Observam-se as pessoas aglomeradas no Escadão enquanto o cortejo passava. As pessoas se reuniam para juntos contemplarem e vivenciarem esses momentos de suma importância para toda a sociedade jundiense.



Fonte: Acervo Antonio Padovani.

Esses fatores de desenvolvimento e significados não foram suficientes para controlar o processo de desmemorização do Escadão. No auge da história da cidade de Jundiaí, ele esteve presente com suas significações e utilização pela população. O Escadão interagia com a formação da história das pessoas, que revivem através da memória dos fatos e dos processos de desenvolvimento da cidade, sinalizando em seu espaço físico as mudanças ao longo dos anos.

EVENTOS DE JUNDIAÍ ONTEM E HOJE

Enquanto a cidade se desenvolvia, os espaços públicos de lazer que valorizavam a identidade cultural da cidade foram sendo abandonados e esquecidos. O Escadão é um deles. Apesar de toda a valorização e a utilização pela comunidade local e de toda a sociedade jundiaense, já que seu nome, Esplanada Monte Castelo, fora uma forma de

homenagear um importante evento da época, não continuou o processo de significação e devida importância, caindo no esquecimento dessa geração atual que o reconhece apenas como um morro de matão alto, sujo e sem importância. Os eventos ali realizados foram esquecidos no decorrer dos anos.

Outros espaços têm cumprido a função de resgate da identidade cultural, como o Solar do Barão, através de exposições; o Parque Comendador Antônio Carbonari, com a tradicional Festa da Uva e Festa do Morango, que atraem milhares de pessoas para as exposições de frutas da época e shows artísticos; a Festa Italiana que ocorre todo ano no bairro da Colônia; e os shows e as peças teatrais apresentadas no Polytheama. Esses eventos vêm persistindo como forma de construção, de subsistência na organização social e política e nas relações entre os grupos sociais para a continuação da história de Jundiá.

Uma pesquisa realizada por João Borin cita o evento do Cinquentenário da Imigração Japonesa, em 1958. No destaque, referência à plantação de cinco cerejeiras no jardim Monte Castelo. A palavra jardim representa a importância da Esplanada Monte Castelo, ao ponto de se plantar um dos símbolos do Japão como representação de uma data de suma importância para a comunidade japonesa:

Nas comemorações do cinquentenário da Imigração Japonesa ao Brasil em 1958. Na dissidência ocorrida em 1957, no Nihonjinkai de Jundiá, aconteceram duas comemorações, cada uma fez a sua. A Sociedade Nipo-Brasileira de Cultura, Beneficência e Recreação, elaborou programa de comemorações que serão realizadas no dia 18 do corrente. Comissão constituída: Shinzaemon Irie, Yossicazo Kondó, Kaoru Hino, Kakukiti Nishioka, Mitsuo Murata, Kyuitiro Matsubashi, Morito Yanagisawa, Masahisa Nogami, Nagashi Nogayama, Fukashi Mitsuoka, Taketo Mitsuoka e Muzaiel Feres Muzaiel. Esta comissão aliou-se à Escola Industrial Dr. Antenor Soares Gandra, para brilhantismo dos festejos. As 9h00, missa em ação de graças na Igreja Matriz Nossa Senhora do Desterro, também por intenção das almas dos nipo-brasileiros mortos durante o período de

1908-1958, em território brasileiro. **Depois rumarão em direção à Escola Industrial, onde serão plantadas duas cerejeiras do Japão. Antes porém será plantado, cinco mudas de cerejeiras no jardim Monte Castelo, sendo, uma parte das 100 que serão plantadas futuramente. (A Comarca, 15 de junho de 1958, última pagina)**

Imagens dos espaços de eventos ontem e hoje

Festa da Uva na década de 1950



Fonte: garimpocultural.com.br.

Festa da Uva 2012



Fonte: Acesso: www.jundiaí.com.br.

Solar do Barão



Fonte: www.jundtelas.com.br.

Solar do Barão



Fonte: www.gype.com.br.

Teatro Polythema anos 1950



Teatro Polytheama 2013



Fonte: www2.jundiai.sp.gov.br.

Festa Italiana, no bairro da Colônia



Fonte: www.paroquiascj.org.br.

III - ESCADÃO: ENTRE O CULTURAL E O AMBIENTAL



Fonte: Acervo João Borin / Acervo Fábio Barros



Fonte: Acervo João Borin / Acervo Fábio Barros / No Panoramio.

IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS VERDES URBANOS

A qualidade de vida dos habitantes sofreu e sofre até hoje as consequências da consolidação das áreas urbanas como espaços importantes no desenvolvimento e expansão do capitalismo. O progresso segue seu rumo e alternativas vão surgindo para amenizar esses impactos. Os conflitos e problemas urbanos gerados comportam dimensões nas esferas éticas, sociais, filosóficas, culturais e econômicas. Os espaços verdes urbanos surgem em números cada vez maiores como forma de amenizar estes impactos, proporcionando à comunidade lazer e qualidade de vida.

Para se compreender a dimensão de um espaço

urbano, sua importância e utilização, é necessário conhecer o processo de percepção social que as pessoas possuem em relação ao espaço. Sobre esse assunto, Chauí (1995) define que percepção é a síntese das sensações e, portanto, para qualificá-las é necessário usar todos os sentidos. A percepção permite formar ideias, imagens e compreensões do entorno.

O conceito da UNESCO (1985) em que a percepção é a maneira pela qual o homem sente e compreende o meio ambiente (natural ou citado por ele), avança no sentido de considerar os fatores culturais como importantes para a formação da percepção. O indivíduo é um ser passivo dependente de estímulos externos para organizar as sensações e percepções e, a partir daí, construir suas ideias, imagens e impressões.

A percepção é um processo ativo da mente, em que é possível interpretar os espaços ao redor, sendo que há uma contribuição da inteligência nesse processo, que é mediada pela motivação, pelos valores éticos, morais, interesses, julgamentos e expectativas daqueles que percebem. Assim, os significados e os valores das coisas percebidas decorrem pelos anos na sociedade, de modo que nela os espaços e as pessoas recebem sentido, valor ou função.

Enfim, o estudo da percepção pode revelar as ideias ou imagens e as impressões que os grupos possuam sobre algo, considerando que os indivíduos possuem necessidades, valores, interesses e expectativas. É com esse entendimento que são delimitadas as principais percepções ou imagens desse espaço público de estudo ao longo do desenvolvimento socioeconômico e cultural da cidade de Jundiaí.

Os espaços verdes urbanos de Jundiaí, assim como nas demais cidades, são ainda uma possibilidade de contato com a natureza e permitem um ambiente mais saudável, funcionando como respiração do tecido urbano. Favorecem a convivência entre diversos grupos sociais e têm um potencial de identificação com o patrimônio da cidade que estimula um sentimento cívico de pertencimento. Algumas comparações entre a experiência de vida e a própria experiência interior é de fundamental reconhecimento para a qualidade de vida de uma comunidade.

Os lugares no espaço tornam-se territórios de

possibilidades onde sentimentos e ações podem produzir a chance para o afeto, o medo, o amor, o descontrole, a violência, a educação, sim, pois a educação, no que se refere às mais singelas possibilidades de um novo humanismo, depara-se com ações que se constroem e se reconstroem a todo o momento numa dinâmica intensa, que só os mais atenciosos e sensíveis podem diagnosticar.

A expressão humanismo refere-se genericamente a uma série de valores e ideais relacionados à celebração do ser humano. No Humanismo, o homem, como ser dominante, está sempre se aperfeiçoando através do desenvolvimento socioeconômico proporcionado pela sua racionalidade, influenciando as mudanças de comportamento, estilo de vida e memória ambiental.

As ideias de progresso e modernidade levam, de certa forma, a uma destruição sistemática das marcas do passado, mas apenas lembrando que as mudanças ou modernizações não necessariamente significam destruir o existente.

Se retomar o passado é restituir uma parcela importante da memória social e da identidade cultural da comunidade, desconsiderá-la como patrimônio histórico-ambiental urbano significa exilar o homem enquanto cidadão do seu próprio meio, podendo transformar esse espaço num ambiente hostil e estranho à sua memória e a da população.

Esses traços são minuciosamente construídos a partir da história de interação com o lugar, ou seja, da história de vida das pessoas. Nesse sentido, os indícios de alteração da paisagem local ganham extrema importância, uma vez que representam mais que novas configurações físicas, mas a perda de referenciais, de onde se esconde uma diversidade, um universo de significações ao lugar.

É possível identificar, neste contexto, o que Bachelard, na primeira versão da obra *Poética do Espaço*, de 1957, e que nos anos 1980 foi utilizado por Tuan em obra homônima, a atração que o ser sente por características do meio, justificada neste trabalho pelo depoimento de algumas pessoas.

Halbwachs (1990), ao analisar os quadros formados a partir da memória social, considera a memória como produto de processos entre depoimentos e racionalizações,

cujas lembranças reconstróem o passado com a ajuda de dados emprestados do presente, além disso, prepara a construção social, determinando que a lembrança compõe representações que, muitas vezes, repousam por outras reconstruções “feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora se manifesta já bem alterada.” (NADAI, 1993, p.55)

Sobre esta perspectiva, Bosi (1987) esclarece:

O caráter livre e espontâneo, quase onírico da memória é, segundo Halbwachs, excepcional. Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoa nossa consciência atual. (BOSI, 1987, p.17)

Desta forma, como apontou Halbwachs, o registro da memória permite a produção do passado numa determinada visão, como uma corrente de pensamento contínuo, que não tem nada de artificial, pois que é construído a partir daquilo que está vivo ou que se mantém capaz de reviver na consciência daqueles que constituem uma sociedade. A percepção ambiental identificada a partir do resgate da memória revela e justifica o comportamento dos grupos sociais.

MEMÓRIA AMBIENTAL: PONTE ENTRE O PASSADO E O PRESENTE

A riqueza de detalhes, como descrita anteriormente no depoimento de Helena Pace, uma senhora nascida na cidade de São Paulo e que se mudou para Jundiaí no ano de 1946, com então 16 anos:

O Escadão, como até hoje é chamado, por possuir 120 degraus, numa subida reta, incrustado num morro onde predominava o capim chamado barba de bode, por ser formado por touceiras em forma de fios e tinham como propriedade segurar a terra para não desbarrancar. Essa escada era estreita, feita de tijolos revestidos de cimento, que com o tempo e a água da chuva, foi se desgastando, dificultando transitar por ele, aí fizeram a reforma como está hoje. No topo da escada, não havia estacionamento para carros, apenas a rua Barão de Jundiaí. Era uma praça grande, com árvores, um muro baixo com alguns bancos de cimento nele encostados. Hoje o Escadão não possui as mesmas características, as mudanças foram muitas. A beleza da vista do alto foi se transformando. Os morros e as árvores deram lugar ao progresso que trouxe com ele as ferrovias, que sem dúvida serviram de alavanca para o desenvolvimento socioeconômico da época, trazendo oportunidades aos menos favorecidos. O Escadão era bem cuidado... ficávamos do alto olhando os funerais que passavam em sentido ao cemitério central... as portas dos comércios fechavam e os bares também em sinal de respeito... as riquezas novas vieram com o crescimento natural das ferrovias... até meu pai vendia pastel no trem... isso nos anos 1930/35.

Já no ano de 1934, um evento novo surgia na cidade, e o Escadão assistia silenciosamente a essas inovações surgidas no desenvolvimento sociocultural da cidade. Os

eventos sociais foram acontecendo acompanhando esse desenvolvimento e atraía a população para este espaço onde podiam fazer uso dele, para seu próprio lazer. Dentre esses eventos marcantes, destaca-se a primeira Festa da Uva de Jundiaí. Seu cortejo foi assistido do Escadão pelos moradores que se agrupavam nos muros de sustentação.

Os footings e os cortejos fúnebres são destaques porque eram realizados a pé e observados pelos moradores que subiam pela Rua Vigário J. J. Rodrigues, passando ao lado do Escadão para chegar à parte alta, onde se localizava o Cemitério Nossa Senhora do Desterro. Algumas atividades cívicas e educacionais faziam parte deste cenário de eventos que ocorriam neste espaço, como o plantio de árvores na comemoração do Dia da Árvore, o hasteamento da Bandeira Nacional em datas cívicas, atividades físicas realizadas por alunos durante as aulas de educação física entre outras.

O Escadão torna-se, com o passar dos anos, um espaço social de alta visibilidade para os jovens que tinham na rebeldia o sinônimo de proibido, e que escondia muitas histórias e segredos que talvez jamais se consiga relatar. Antonio Padovani que, na juventude, residia nos arredores do Escadão, relata uma das experiências vividas neste espaço público:

Era domingo, eu me lembro que quando tinha uns 15 anos, os farristas, então moradores da vila desciam o Escadão de moto, apostando quem chegava primeiro, nesse momento chega a polícia com o famoso carro 13 e leva todo mundo preso, pois o Escadão era só para pedestres e não para corrida de motos... Ah! Tem muitas histórias lá...

A valorização deste espaço pela memória parte das sensações formadas a partir de um quadro de percepções relacionado ao bem-estar e satisfação que trazia aos seus usuários. Pontos de extrema exatidão, como nesse relato, sugerem a construção de um quadro específico de datas e acontecimentos, reiterando assim a necessidade de se manter essa ligação entre o passado e o presente unindo as gerações futuras.

A revitalização em forma de reconstrução física é que transforma os espaços e mantém ativo as lembranças. Cada espaço público que possibilita a utilização pela comunidade possibilita a continuidade da sua história e identidade. As lembranças só têm sentido quando são compartilhadas e sublinham a importância dos pontos de referência que estruturam a memória, oferecendo a sensação de pertencimento a um determinado grupo.

Na opinião de Pollak (1992), o ato de transmissão e, portanto, de preservação da lembrança não é espontâneo e inconsciente, mas sim deliberado, com a intenção de servir a um fim determinado por quem o executa. Sendo um fenômeno socialmente construído, memória e identidade são valores disputados em conflitos sociais.

A manipulação da memória por pessoas ou grupos silenciam lembranças proibidas, escondendo os conflitos e segredos guardados, para que não prejudiquem a imagem que se quer resguardar. Por ser construída por meio de uma relação dialética entre lembrança e esquecimento, a memória do que realmente deseja se consolida sempre a partir do apagamento de outra.

Isso justificaria a falta de um quadro específico quando se levanta a memória ambiental do Escadão, relatada por Antonio Padovani, proprietário de uma retífica próxima ao Escadão que identifica esse espaço através de suas vivências, sem reconstruir o seu espaço físico:

O que eu tenho lembrança é que, na minha faixa de 8 a 10 anos, frequentei o grupo escolar Siqueira Moraes, e era meu caminho obrigatório pra não dar volta e subia e descia ele todo dia praticamente. E depois à noite também, depois de alguns anos eu fiz um curso noturno de mecânica no colégio industrial que fica ao lado. E também, servia depois, quando já era adolescente, para frequentar o teatro Polytheama, que era um cinema e passava uns filmes interessantes... e também servia pra subir e descer, porque eu morava aqui na região da Vila Arens.

Não se pode afirmar que esses dados realmente

expressem a totalidade da memória, pois o local desaparece dando lugar aos fatos a partir do apagamento de outra memória.

Em que momento as lembranças identificam a relação dialética entre elas abordada por Pollak (1992), quando destaca que é na compreensão de memória que reside o sentido da identidade?, pois, para ele, a princípio, a memória parece ser um fenômeno individual, mas ela é, sobretudo, um fenômeno coletivo e social surgido das transformações sociais e inconstantes.

Algumas relações com o espaço parecem se perder neste contexto, mas se ativadas por questionamentos que sugiram nessa construção, percebe-se que se trata de um elemento formado pela percepção e envolvimento de um grupo coletivo.

Natália Freire Vidal, 21 anos se refere ao Escadão dizendo:

O que eu lembro é só isso, não é uma lembrança, é tipo, a muretinha, o pessoal sentava e ficava conversando... mas era assim, até parecia um lugar tranquilo, mas por ser descuidado... sei lá, é diferente de uma praça que você vai lá e está tudo cuidado.

A necessidade dessa continuidade de relação propõe uma análise de revitalização deste espaço com a intenção de devolvê-lo à comunidade. Não se pode concretizar um passado, mas se pode relacioná-lo com o presente e nessa relação ambígua um novo espaço abrir-se-á com marcas de um passado reconstruído a partir das imagens ambientais que se formaram na lembrança daqueles que viveram parte de suas vidas nesse espaço.

A REVITALIZAÇÃO DO ESCADÃO – ESPLANADA MONTE CASTELO

A revitalização da Esplanada Monte Castelo, ou Morro do Grupo, tem chamado a atenção, sendo inclusive tema de um artigo editado em 1928, pela revista **Sultana**, que ironiza: “[...] às muitas ideias aventadas para o embelezamento do Morro do Grupo...”, em seguida completa, “[...] mandar construir no extremo do morro um trampolim [...] e depois a gente ia sossegadamente assistir o salto da morte, tomando comodamente uma cerveja”. (SULTANA, Jundiáhy, 28 de outubro de 1928, Anno I, Nº 2 apud Secretaria Municipal de Planejamento e Meio Ambiente, 1999, p. 24)

É possível observar que os conceitos de memória e preservação não são novos e que em todas as épocas os problemas políticos influenciavam no andamento e concepção daquilo que seria bom para a população. Uma das hipóteses de que o projeto não seguiu adiante foi por manifestações populares que teriam ido contra o uso do dinheiro público para uma obra que, aparentemente, não traria nenhum benefício à comunidade, exaltando o poder político do momento.

O local, no início de seu esquecimento e abandono, teria uma chance de se revitalizar (Anexos 1 a 4), sendo devolvido à sociedade como fator de grande representatividade de uma comunidade que o utilizou por muitos anos. Teria sua justa homenagem, transformando-se no Boulevar da Câmara Municipal de Jundiáí, se não fosse a interferência da oposição e de outros tantos que eram contra a sua revitalização.

Certamente a visão era restrita e os protestos ocorreram de forma tão ofensiva que até hoje nenhuma das providências planejadas na época e registradas nas plantas que permanecem arquivadas nos acervos da Prefeitura Municipal de Jundiáí, foram aplicadas, o que se conclui que interesses particulares influenciavam no interesse do bem comum. As obras citadas contemplam a construção de uma escada rolante, projeto de um arquiteto da cidade de

Jundiáí, que certamente não foram concretizadas por falta de recursos do município.

Querer revitalizar não apresentando propostas é o que vemos comumente nos dias de hoje. Esqueceram-se das crianças, dos operários que o utilizavam, da população humilde que valorizava este espaço com o que sabia fazer: utilizavam-no para sonhar, viver, imaginar que naquele alto morro se viam na esperança de se igualar aos demais.

A história fala pelas fotos que representam a realidade das épocas que passaram. Embora o acervo para pesquisa não seja tão vasto, verifica-se que a paisagem mudou, o progresso atingiu seu objetivo, mas, como tudo tem seu lado positivo e negativo, deixou de lado espaços que tiveram importância relevante na cidade, caindo no esquecimento e descaso daqueles que não conhecem a sua história e ainda perguntam: "Escadão? Que Escadão? Aquele lugar sujo, sem iluminação, perigoso... Ah! eu não passo lá não".

Por que não voltar à memória coletiva e resgatar as alegrias, as irreverências da juventude, as brincadeiras da infância, as experiências pessoais e revitalizar este espaço para que outros possam escrever suas histórias que não ficarão esquecidas sob os degraus? O abandono e o esquecimento das políticas públicas, bem como a falta de manutenção e segurança no local contribuíram para o desinteresse da população em utilizá-lo? Essas questões merecem um estudo profundo e propostas de projetos de revitalização, não só como um espaço de lazer, mas de resgate constante de histórias que os degraus podem guardar e que o tempo por si só não é capaz de silenciar.

O momento de reflexão traz os movimentos da história com suas múltiplas mudanças. A hipótese de o Escadão ser uma forma de divisão de classes sociais (operários e elite) não é descartada, o que provaria a perda de informações. Subir o Escadão significava participar, pelo menos por alguns momentos, dos divertimentos daquela elite que podia contemplar a massa operária do alto da escadaria.

As fotos e os registros orais das entrevistas com algumas pessoas que viveram na época, e as análises futuras podem dar as devidas respostas para este estudo da memória, que é

um espaço de disputas e de escolhas que não se realizam sem consequências.

Os acontecimentos sociais ainda ocorrem ao seu redor, embora sua utilização tenha sido diminuída por conta da falta de conservação. Ressalta-se, por isso, a importância dos espaços públicos como locais de encontro de gerações, de lazer e oportunidade para que se permaneça a identidade de uma sociedade. É através destes espaços que as pessoas conservam e traçam o próprio futuro, criando, sonhando, reconstruindo sua história.

No painel de projetos a serem executados, o Escadão fará parte do Parque Guapeva, assim denominado por se encontrar nas laterais do Rio Guapeva. Esse rio corta a cidade de Jundiá e se forma passando pela Rua Bartholomeu de Lourenço até a Vila Argos. Desta forma, pretende-se embelezar e auxiliar a mobilidade urbana, interligando e aproximando os bairros da Vila Arens, Ponte São João, Vila Rami, Jardim Bonfiglioli, Vianelo, Vila Argos e o Centro.

No projeto de revitalização, segundo informações divulgadas, constam praças, asfaltos, pontes e o Escadão irá ganhar passarelas, calçadas, mirante, nova iluminação e novo paisagismo. As obras contemplarão não só a parte baixa do Escadão, mas também toda a sua extensão, cujo objetivo é melhorar a mobilidade urbana e a construção de um parque arborizado.

As obras foram iniciadas e é possível observar as sutis transformações ocorridas, como mostra a sequência de imagens (acervo pessoal da autora desta pesquisa):



Entrada lateral esquerda pela Rua Vigário J. J. Rodrigues
Fonte: acervo da autora

Em fevereiro de 2012, foram iniciadas as obras e a entrada lateral esquerda na Rua Vigário J. J. Rodrigues do Escadão foi interditada, limitando o acesso e a saída apenas pela escadaria principal.



Fonte: acervo da autora

Toda lateral deste espaço foi fechada com alambrado, ficando livre apenas as escadas para que o acesso à parte alta continuasse a servir à população.



Fonte: acervo da autora

No início da reforma, os balaústres e a calçada na parte superior da Esplanada Monte Castelo, no início da Rua Barão de Jundiáí, foram derrubados para que as máquinas entrassem e começassem o processo de revitalização e reconstrução.



Fonte: acervo da autora

Algumas das baias existentes no local, que serviam de caminhos entre as árvores, começaram a ser destruídas. Tem-se a impressão de que uma enxurrada de terra desce pelo seu interior, apagando as formas estruturais que mantinham sua estrutura original, onde as pessoas, jovens e crianças, desfrutavam desse espaço.



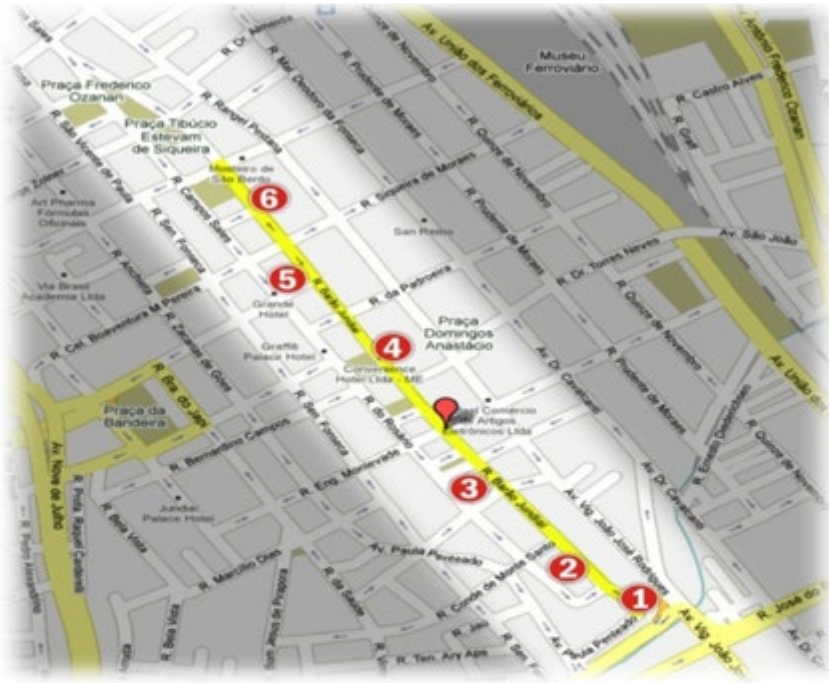
Fonte: acervo da autora



Fonte: acervo da autora

Mesmo diante de tal situação, algumas pessoas insistem em utilizar o espaço. Não se importam com entulhos, pedras, árvores e plantas destruídas, afinal, o local encontra-se sem condições de ser considerado como um local de rara beleza, ponto de encontros e lazer. O Escadão mantém sua função principal que é a de proporcionar condições de as pessoas subirem ao centro da cidade de forma rápida. Segura? Não necessariamente, pois o local ainda é considerado de grande vulnerabilidade por falta de segurança e manutenção. É difícil compreender como um espaço público de grande importância como o Escadão tenha sido esquecido, simplesmente por falta de conservação e com iluminação precária, o que gerou o seu desuso.

É certo que alguns vereadores (Anexos VII a XI), até mesmo por ser um local ao lado da Câmara Municipal, fizeram propostas de revitalização e conservação, mas não foram suficientes para manter e passar às gerações a importância deste espaço público de lazer. O sentimento de pertencimento ficou perdido através dos anos e, provavelmente, as crianças e muitos adultos hoje não conhecem a sua história. Poucos sabem ou se lembram de que o Escadão dá início ao Corredor Cultural da cidade, que conta com importantes pontos turísticos e onde se concentram alguns dos patrimônios históricos e culturais da cidade de Jundiá, como ilustra a imagem a seguir:



- CORREDOR CULTURAL**
- 1** Pinacoteca
 - 2** Teatro Polytheama
 - 3** Catedral Nossa Senhora do Desterro
 - 4** Museu Solar do Barão
 - 5** Centro das Artes
 - 6** Mosteiro São Bento

Fonte: Lamarca e outros, 2009.

Embora não especificado, sua localização estratégica no início da Rua Barão de Jundiá, em frente à Pinacoteca, bem próximo ao centenário Teatro Polytheama, é de expressiva importância, pois foi lá que tudo começou. O Morro do Grupo, ou Esplanada Monte Castelo, ou simplesmente Escadão sempre fez parte desta paisagem.

O desenvolvimento industrial e cultural da cidade não foi suficiente para que esse espaço tivesse seu valor histórico resgatado. Apenas as lembranças registradas na memória dos que vivenciaram fatos, momentos importantes ou mesmo que ouviram histórias contadas é que ainda persistem e são aceitas como verdades, pois vislumbram nesses registros a própria infância e por que não dizer a própria existência.

Oficialmente chamado de Esplanada Monte Castelo, cartão-postal dos anos 1960, o Escadão vive hoje um momento de reestruturação e reformas paradas – as obras encontram-se “adormecidas”, segundo artigo do periódico **Jornal da Cidade**, de 09.12. 2007. Esquecimento? Indecisão sobre o que fazer, como fazer? Plantas e projetos precisam ser melhorados, mas eles existem. O olhar crítico de alguns políticos que desejam sua conservação também existe, já que muitos o defendem nas próprias sessões da Câmara por meio de solicitações de conservação e manutenção.

O que falta então? É preciso repensar, resgatar valores culturais e históricos, informando às gerações as experiências pessoais e dos grupos sociais. É preciso voltar no tempo e resgatar essas informações. Estimular, informar, atualizar, resgatar, conservar são verbos que não devem ser esquecidos. Muitas formas de conservação da história podem ser aplicadas nesse espaço, como a formação de um parque com atividades ao ar livre, teatro, música, leitura. Eventos podem ser realizados chamando a atenção das crianças, dos adolescentes e dos idosos. Desde os jogos de dama até as práticas esportivas compatíveis com o espaço.

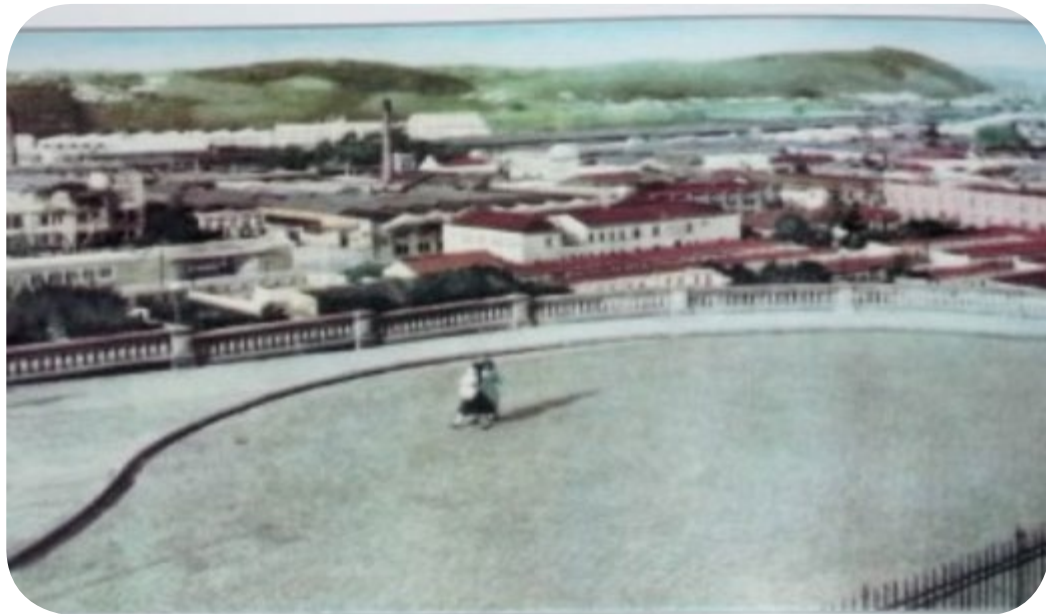
A forma como isso será feito não importa, mas é certo que, independente do que se possa atribuir a este espaço, o conhecimento e a valorização de qualquer bem cultural contribui para o despertar da cidadania. A história e a tradição da sociedade aguçam o sentimento de pertencimento. A revitalização de qualquer espaço público é uma alternativa e um caminho para a inserção social da comunidade com a possibilidade de dinamização inclusive do turismo.

O registro através dos anos nas imagens a seguir e o estado atual do Escadão sugere uma reflexão: como devolver este espaço à comunidade e seu sentimento de pertencimento?

De acordo com Bosi (1987), lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado, portanto porque não refazer os projetos de revitalização, reconstruir e executar de forma efetiva as ações necessárias para que se devolva à comunidade o direito de se ter esse espaço com a mesma

A História Sob os Degraus

importância de antes; repensar as formas de utilização que atendam às necessidades atuais, no intuito de que as famílias, crianças, jovens e idosos, possam construir a ponte entre o passado e o futuro para as próximas gerações com a utilização do espaço público que é de todos e para todos.



Fonte: Acervo Museu Histórico e Cultural de Jundiáí.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho trata da importância dos espaços públicos para as pessoas que se relacionam com eles, proporcionando-lhes oportunidades de lazer, fatos sociais que, resgatados, podem construir a sua identidade.

O estudo tem sido tema de vários estudiosos que procuram compreender melhor a relação que há entre os espaços públicos, moradores e eventos sociais, ressaltando a necessidade destes registros para que parte da história desta sociedade não se perca.

Através das percepções sociais as pessoas se relacionam com os espaços, identificam-se e formam as imagens que são compreendidas sobre algo experimentado, até a reconstrução dos momentos que fizeram parte de suas próprias vivências.

Os significados e os valores das coisas percebidas decorrem, pelos anos, na sociedade, de modo que nela os espaços e as pessoas ganham sentido, valor ou função. Nessa perspectiva, os indícios de alteração da paisagem local ganham extrema importância, pois representam mais do que configurações físicas novas, mas a perda de referências e seus significados. Esses registros permitem a produção do passado.

O Escadão passou por processos de pertencimento e esquecimento pela sociedade e pelo poder público vigente, pois as transformações físicas do local foram ocorrendo sem a devida preocupação com a sua preservação e valorização. O local utilizado pelos cidadãos para lazer e pequenos eventos, desde encontros amorosos até comemorações cívicas, precisa ser devolvido a essa sociedade que um dia fez dele um ponto de referência social.

Os espaços verdes, os espaços públicos construindo a memória ambiental, são importantes para a formação e a continuidade da ponte entre o passado e o presente de uma

identidade social.

Bosi (2003, p. 69), a este respeito, fala de uma história de vida que transforma os espaços e para que se complete este ciclo é necessário que esta história não seja arquivada: “uma história de vida não é feita para ser arquivada ou guardada numa gaveta como coisa, mas existe para transformar a cidade onde ela floresceu”.

Espera-se que o poder público, mantenedor destas obras, possa proporcionar a este espaço público não só a sua revitalização na esfera da urbanização e paisagismo, mas que o torne possível de uso como lazer, devolvendo-o à sociedade com as histórias de vida daqueles que de alguma forma acompanharam as suas diversas fases, desde a sua utilização como único acesso à parte alta de cidade até a sua depredação, ocasionando o seu desuso.

O processo de desenvolvimento foi se acentuando, trazendo benefícios e alterações na estrutura sociocultural e econômica da cidade, mas impediram a continuidade da sua história, sendo só possível o seu resgate pelos depoimentos de atores, pessoas comuns que se dispuseram a resgatar essas lembranças na formação da sua verdadeira história.

Sugerem-se projetos educacionais e de lazer para as crianças, jovens e adultos, a fim de que as gerações futuras mantenham a história viva deste espaço, com a valorização devida de um espaço importante para a cidade, aproximando-o dos demais pontos históricos e turísticos da cidade de Jundiáí.

A recuperação constante da memória de qualquer espaço público fortalece a cidadania e a valorização da sua própria existência. Se retomar o passado é restituir uma parcela importante da memória social e da identidade cultural da comunidade, desconsiderá-la como patrimônio histórico-ambiental urbano significa exilar o homem enquanto cidadão do seu próprio meio, podendo tornar esse espaço num ambiente hostil e estranho à sua memória e a da população como um todo.

Esses traços são minuciosamente construídos a partir da história de interação com o lugar, ou seja, da história de vida das pessoas. Nesse sentido, os indícios de alteração da

A História Sob os Degraus

paisagem local ganham extrema importância, uma vez que representam mais que novas configurações físicas, mas a perda de referenciais, de onde se esconde uma diversidade, um universo de significações ao lugar.



Fonte: Acervo João Borin.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **História**: a arte de inventar o passado. Ensaios de teoria da História. Bauru: Edusc, 2007.

BARRETTO, Margarita. O turista do novo milênio e o profissional de turismo. **Revista de Negócios**, v. 4, n. 3, p. 59-62. Blumenau, 1999.

_____. **Turismo e legado cultural**. Campinas: Papirus, 2000.

BOSI, Eclea. **Memória e Sociedade**. Lembrança de velhos. 2. ed., São Paulo: Editora TA Queiróz, Editora da Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **O tempo vivido na memória**: ensaios de psicologia social. 2. ed., São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos Avançados**, vol. 9, n. 23. São Paulo, jan./apr. 1995.

ClAVATTA, Maria. **Educando o trabalhador da grande família**: a fotografia como fonte histórica. Rio de Janeiro, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JORNAL da Cidade. Revitalização do escadão e Ponte Torta adormece. Recorte 064 da Biblioteca Municipal Prof. Nelson Foot. Caderno Geral 13. Jundiaí, 09.12.2007.

KASSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editora, 2001.

LAMARCA, Jussânia; BUENO, Mário; MIOSSI, Rodrigo; OLIVEIRA, Simone de. **Potencialidades do município de Jundiaí para a Copa de 2014** – patrimônios históricos e culturais da cidade. Projeto Integrador dos alunos do 1º Semestre do Curso de Eventos. Jundiaí: Faculdade de Tecnologia do Estado de São Paulo, Centro Paula Souza, 2009.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. **Enciclopédia Einaudi**. Memória-História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

_____. **História e memória**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Luiz Costa. **Por que literatura**. Petrópolis: Vozes, 1969.

MAUAD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e história interfaces. **Tempo**, v. I, n. 2. Rio de Janeiro: UFF, 1996.

MODA, Ademir J. O cartão postal de Jundiáí dos anos 60 está abandonado. www.cidade.jundiai.sp.gov.br/pmjsite/portal.nsf/V03.02/cidade_hi.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **Memória e História**. Ideias, 1993.

NADAI, Elza. O ensino de história no Brasil: trajetórias e perspectivas. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: **ANPUH**, v. 13, n. 25/26, p. 143-162, set. 1992/ago. 1993.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Relação entre História e Literatura e representações das identidades urbanas no Brasil (século XIX e XX). **Revista Anos 90**, n. 4. Porto Alegre, dezembro de 1995.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v. 5, n. 10, p. 200-212. Rio de Janeiro, 1992.

PREFEITURA Municipal de Jundiáí. Obras mudam o visual da José do Patrocínio. Artigo publicado em 18.05.2012 no blog suacidade.org/jundiai/obras-mudam-visual-na-jose-do-patrocini.

REIS, Fábio José Garcia. Patrimônio cultural: revitalização e utilização. Portal Vale do Paraíba. Disponível em www.valedoparaiba.com/.../Patrimonio%20Cultural%20Revitalização.pd. Acesso em 21.06.2012.

RIBEIRO, Marcelo. A atratividade dos centros urbanos e o turismo. In: GASTAL, Susana (Org.). **Turismo**: 9 propostas para um saber fazer. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

SECRETARIA Municipal de Planejamento e Meio Ambiente. **Lugares**: Jundiáí. Série Memórias, v. 2, 76 p. Jundiáí, 1999.

TOMANIK, Geraldo Barbosa. **Jundiáí, cronologia histórica**. Jundiáí: Literarte, 1993.

_____. **As fotos, os traços e a história**. Jundiáí: Literarte, 2005.

TUAN, Yi-fu. **Topofilia** – um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

UNESCO/MAB Environmental Perception: Regional Seminar for Latin America and the Caribbean. Montevideo: Regional Office for Science and Technology for Latin America and the Caribbean. Unesco, 1985.

VIDAL, Diana Gonçalves. Fontes visuais na história: significar uma peça. **Varia História**, n.13. Belo Horizonte, 1994.

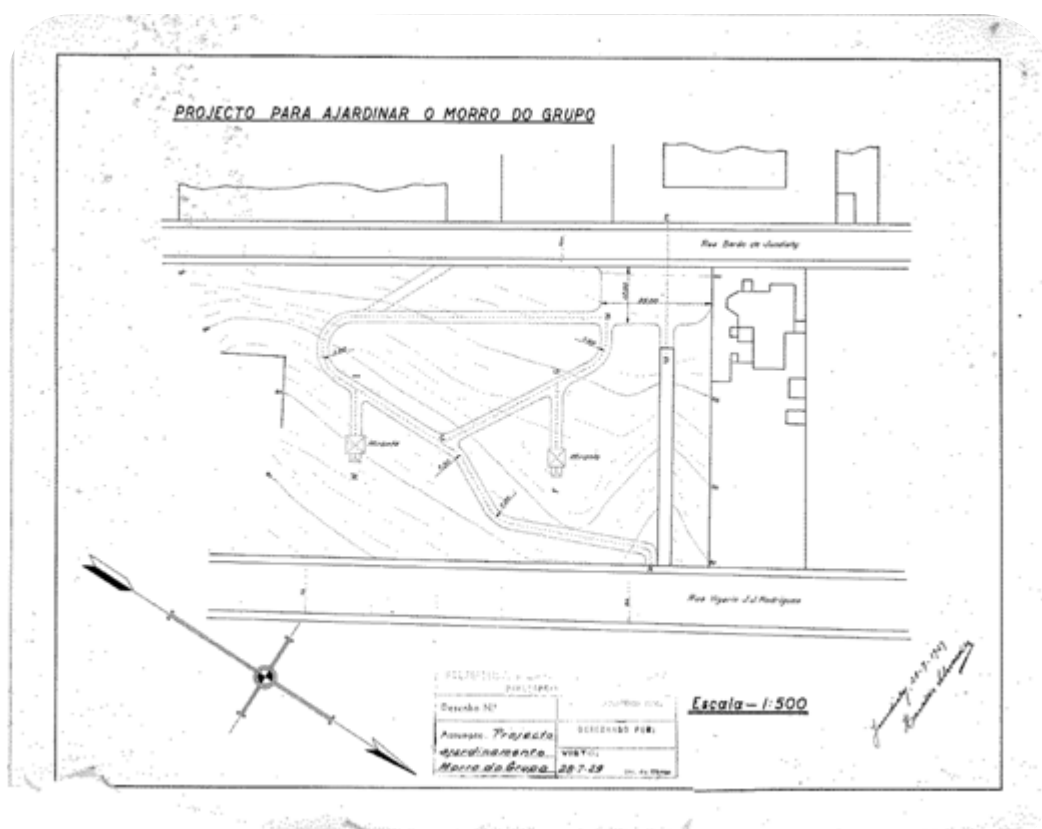
_____. A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XIX: uma primeira aproximação. In: FARIA FILHO, L. M. de (Org.). **Educação, modernidade e civilização**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

ANEXOS

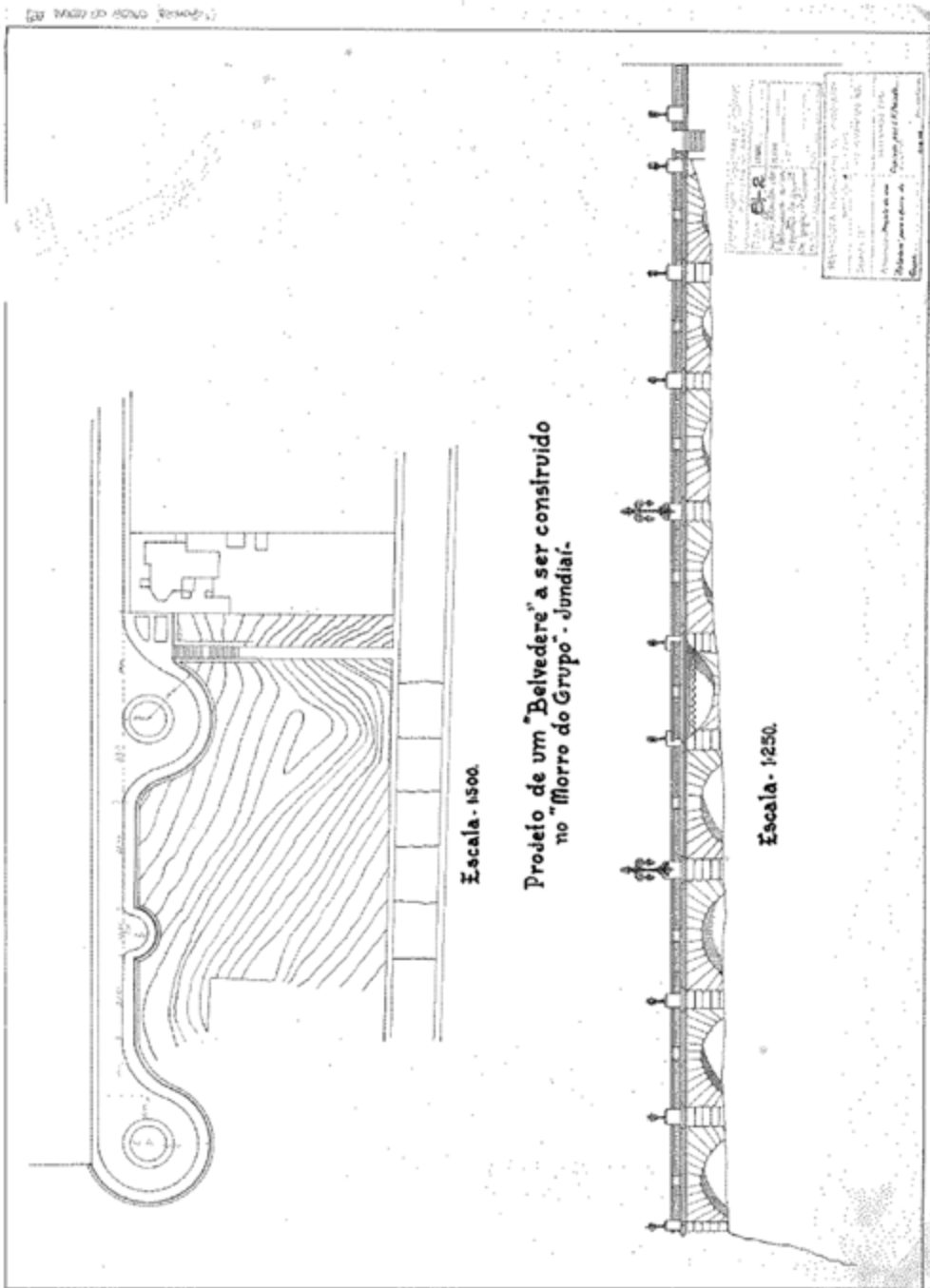
Anexo I

Projeto de 1929

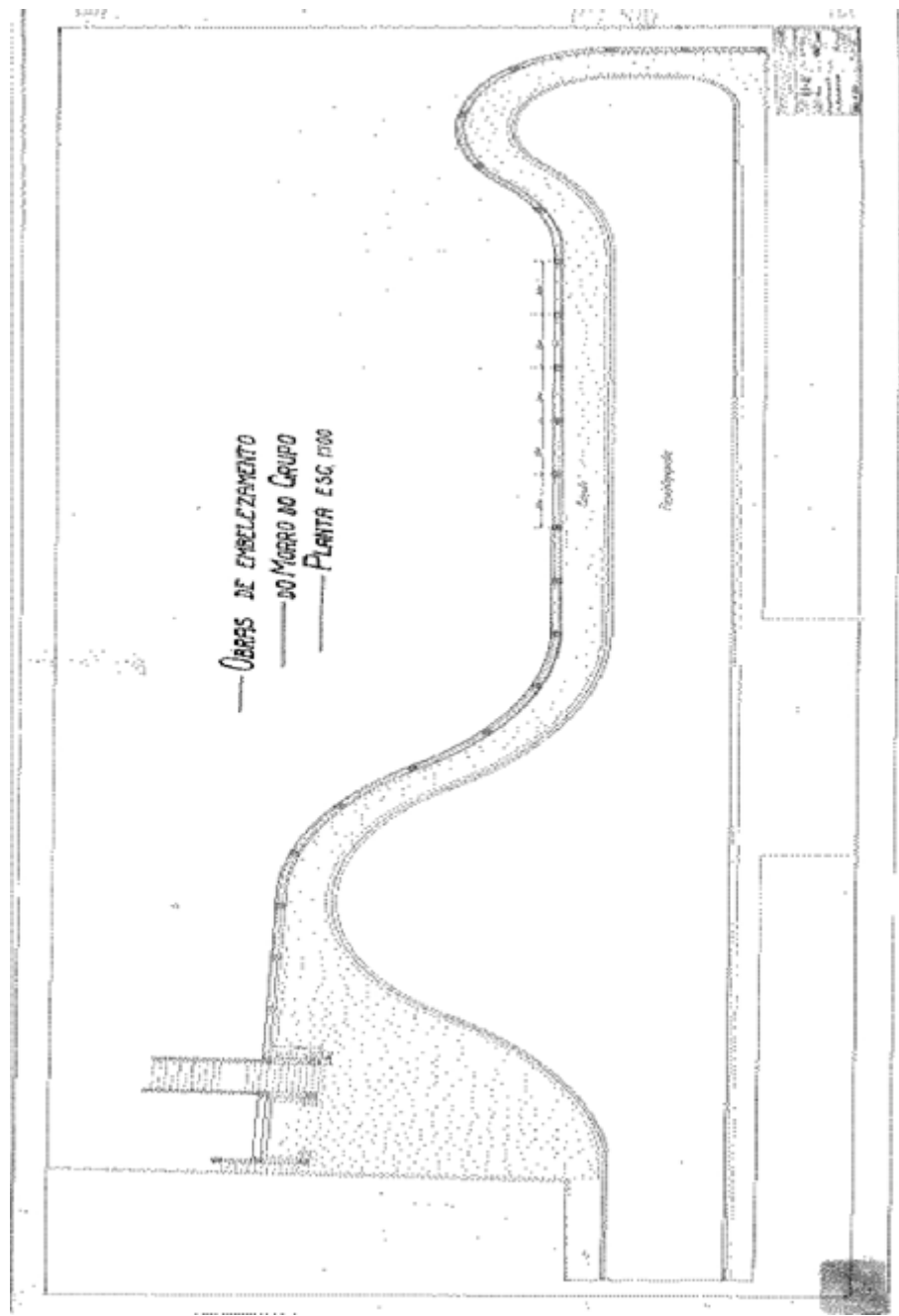
Acervo da Secretaria de Serviços Públicos do Município de Jundiáí.



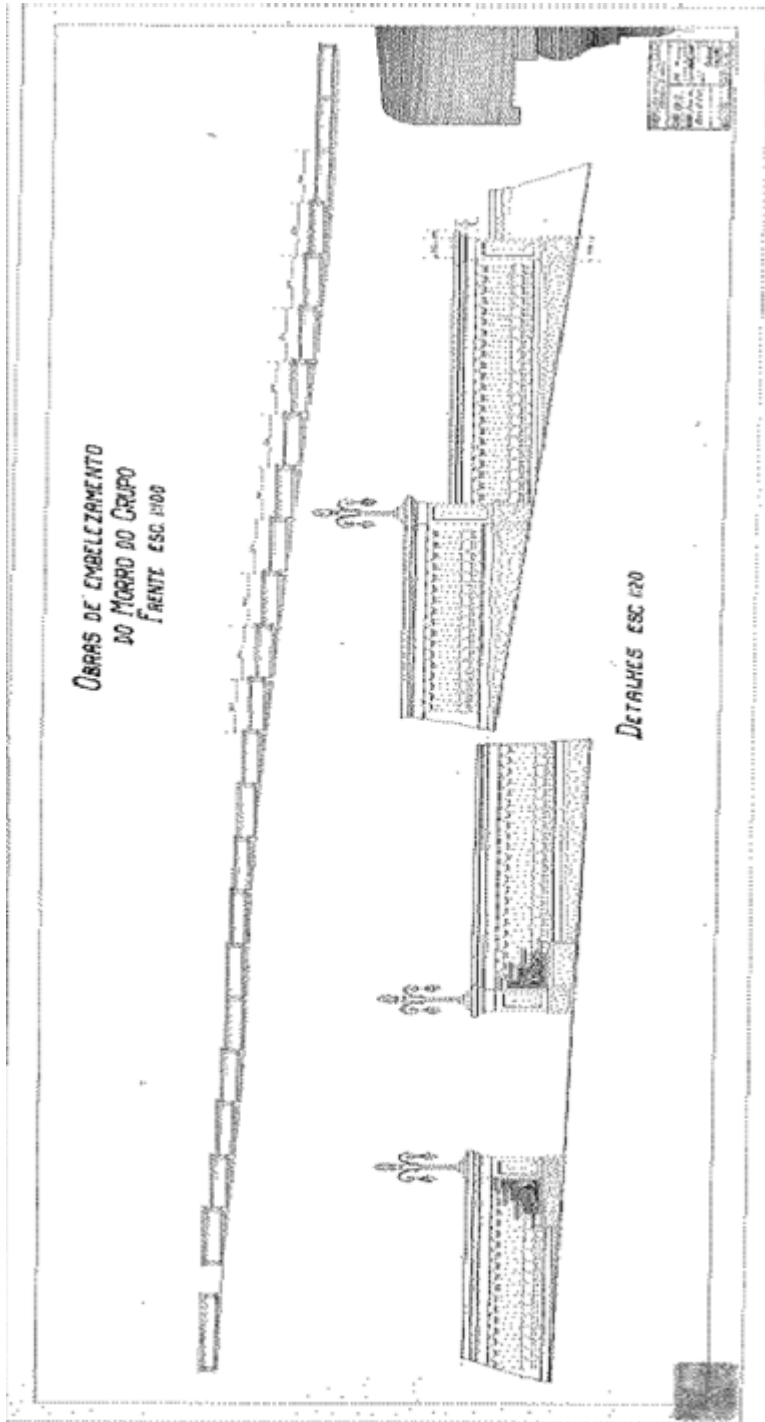
Anexo II



Anexo III



Anexo IV



Anexo V

“A COMARCA”

14 de janeiro de 1926

Não há muito tempo foi presente á Câmara Municipal uma indicação no sentido de ser colocado um anteparo ou um sinal de prevenção no extremo da rua Barão de Jundiáí, pouco alem do Grupo Escolar “Coronel Siqueira Moraes”, no ponto em que terminando a via pública, segue –se um verdadeiro precipício.

31 de janeiro de 1926

A empresa Força e Luz, atendendo a requisição da prefeitura municipal, mandou instalar no extremo ao Grupo Escolar “Coronel Siqueira Moraes, uma lâmpada de cor vermelha, para servir de aviso de transito proibido, por aquele ponto, onde á via publica segue-se um precipício.

17 de fevereiro de 1926

Foi colocado no extremo da rua Barão de Jundiáí, um sinal luminoso para aviso aos motoristas que ali é proibido o transito.

O vereador José O. Brochado indica para que seja feita uma correção na escada existente na rua Vigário em frente a [Luís] Jacinto Borges. Na indicação do vereador José Brochado, secundando uma outra do vereador Tibúrcio Siqueira, para colocação de lâmpada de sinais e muro de arrimo na rua Barão, a comissão opinou pela execução integral desse serviço visto de uma parte haver sido executada.

30 de maio de 1926

Entre as discussões para a sessão ordinária da Câmara Municipal de 02 de junho está em 1ª discussão a indicação nº 58, sobre arborização ao lado da escadaria da rua Barão.

01 de janeiro de 1928

“COLINA DO GRUPO”

Por escritura lavrada nas notas do 2º Tabelião, a Câmara Municipal acaba de adquirir, do Sr. José da Cruz Cambrata, o único terreno, ao que parece que impedia, até agora, as obras que a Prefeitura pretende introduzir na aprazível Colina do Grupo, transformando aquele mirante natural, num jardim formoso, com rampas espirais, para tráfego de automóveis, entre as ruas Barão de Jundiá e Vigário João José Rodrigues. Assim, sendo, é quase certo que, ainda este ano, tenham início as obras de embelezamento que o povo aguarda com ansiedade.

Pesquisa em 05 de junho de 2013, Gabinete de Leitura “Ruy Barbosa”, por João Borin.

Anexo VI

ESCADÃO

Aldo Cipolato

Em 1952 escreve – “Foi no dia de São Pedro, à tardinha, ventanosa e fria, que fui dar uma voltinha pelos arredores do (...) nosso Grupo (...), em companhia dos meus. (...) Andando e palestrando cheguei por fim ao “Belvedere” do Morro do Escadão, local pelo qual tanto me bati pela imprensa de minha terra para que o saudoso Prefeito Marcondes (Pai) o ajardinasse. (...) - debrucei-me ao “belvedere” e pus-me a admirar o meu bairro de nascimento. Upa, que colosso! Ao lado norte a primeira coisa que divisei foi o velho prédio da Oficina Agrícola, à margem do preguiçoso Guapeva. (...) Depois vem a Argos com o Lanifício, num crescer sem fim, a Milani, a Japi mais ao alto, cá mais embaixo a (...) São Bento, mais ao longe a nova Antárctica, a indústria Pellicciari. Minhas retinas descobrem em seguida o belo conjunto da CICA, com a sua torre em construção, outras fábricas e oficinas e venho com elas ao centro de Vila Arens, à rua Barão do Rio Branco, à Av. Dr. Cavalcanti, (...) – os antigos estabelecimentos de Arthur De Vecchi, (...) e a “Ferraspari”, me falam em conquistas vilarenses. Quantas saudades, que passado histórico lá vai! Já hoje não se vêem pelas ruas largas e belas do meu bairro o carro puxado a belos cavalos do saudoso velho Tripoli mas sim os modernos carros da Cometa e da Auto Ônibus Jundiáense Ltda.”

Em 1965 escreve, “Vila Arens em 1896...” – uma fotografia que, dizem, data de uns 70 anos atrás. Numa roda de antigos vilarenses pusemo-nos a examina-la, e, então, houve lágrimas, queixumes, recordações, saudades dos bons tempos idos que não voltam mais... (...) – onde se vê, na parte mais baixa, um mato bem crescido, sobre cujo solo caíram muitos tico-ticos, vítimas dos estilingues da molecada travessa do nosso Grupo Escolar, o “Siqueira Moraes”. Ao pé do morro famoso está o início da Rua Vigário, (...) e mais

embaixo, o mesmo Guapeva de hoje,(...). Aparecem em seguida as casinhas da “Imigração”, a Rua Vigário mais para o lado da Estação, com suas casas mais antigas, ao meio uma carrocinha, a emprestar mais poesias aos inesquecíveis bons tempos que se foram... (...)”

Em 1965, “A primeira denominação das terras de aquém colinas jundienses, ao pé do rio Guapeva, foi a de Santa Cruz do Pito Acesso, denominação que não agradou ao saudoso vigário da cidade, Pe. João José Rodrigues, tendo aconselhado, então, para o futuro local, o nome mais sugestivo de Santa Cruz do Bom Retiro. (...) Vila Arens foi se povoando cada vez mais. (...) [originando-se o nome devido às instalações das Oficinas Arens no bairro].

Escreve em 1966, “Subindo o morro do escadão, dos nossos tempos do querido Grupo Escolar “Cel. Siqueira Moraes”, denominado depois da última grande guerra de “Monte castelo”, deparamos o embelezamento, embora moroso, de parte daquele morro, que a nossa Prefeitura Municipal ali realiza, com saída para a Avenida Paula Penteado. O Estado constrói nesse mesmo local a nova Escola Industrial “Dr. Antenor Soares Gandra”, também a passo de marcha lenta”.

Em 1970 “Vamos subir o Monte Castelo, o nosso Morro do Grupo da escola primária. Subamos pela escadaria, embora em nossos tempos de menino subíssemos pelo morro mesmo, a assustar os tico-ticos... Logo se nos depara o nosso querido Grupo Escolar “Cel. Siqueira Moraes”! Aquela escadaria, da qual tantas vezes contamos os múltiplos degraus, foi construída para os seus alunos bonzinhos... (...) Ele evoca tantas saudades, mestres saudosos, queridos e dedicados, coleguinhas de um passado não tão longínquo, muitos deles já desgarrados daqui (...). Vamos andando.”

Anexo VII

RELATÓRIO PREFEITURA MUNICIPAL DE JUNDIAÍ

PERÍODO

2º SEMESTRE DE 1938

EXERCÍCIO DE 1939

O chamado "Morro do Grupo", fronteiro ao Grupo Escolar Coronel Siqueira Moraes era (...) "caso" a resolver.

Situado de face para a entrada meridional da cidade, num ponto de maior visibilidade para os itinerantes da rodovia estadual e das estradas de ferro, era um aleijão, de grandes possibilidades no terreno urbanístico, embora figurando nos planos de vários administradores, nunca teve os então delineados ou elaborados projetos transformados em realidade.

Acha-se em andamento a solução desse problema; procuramos fazer obra útil, sem descurar da parte estética, evitando, porem, dar á mesma, caráter suntuário. Jundiaí, 31 de dezembro de 1939, Manoel Annibal Marcondes – Prefeito Municipal.

Na Relação do Custo das Obras Executadas no Exercício de 1939, consta – Morro do Grupo Siqueira Moraes – a) Diversos: Mão de obra- 8:621\$250; Material- 8:089\$200; Total 16:710\$450.

Anexo VIII

Tarcísio Germano de Lemos, em seu livro de crônicas “Eu e Petronilha”, dedica uma delas ao Escadão, com o título “Do alto da Esplanada o mundo de Vila Arens, aqui transcrito parte dela.

“Do alto da Esplanada Monte Castelo, nome pomposo dado ao Escadão, olho o casario que se espria lá embaixo, entre os vales dos rios Jundiá e Guapeva, e sinto a força histórica, econômica e social do bairro da Vila Arens.

Antes, aqui onde estou, a rua Barão de Jundiá terminava em rotatória. Depois, as encostas do “morro do sabão” foram sangradas pela terraplanagem e abriu-se a alça de acesso que alcança as avenidas Odil Campos Saes e Paula Penteado.

Nenhuma urbanização depois – e as escadas, as rampas mais suaves, continuam as mesmas da metade do século passado.

Existiram sonhos, que viraram pesadelos, em razão da censura política dos retrógrados. Um exemplo foi a idéia do prefeito Mário de Miranda Chaves, de construir uma escada rolante para se descer e subir do morro. As críticas foram verrinas, mordazes, desproporcionais e tão cáusticas que a idéia foi logo abandonada.

Mário Chaves estava muito avançado para seu tempo, numa cidade de métodos coloniais. Se a obra tivesse sido realizada, haveria uma fluência maior de pedestres, a diminuição no tráfego de veículos e, com facilidade, o bairro de Vila Arens estaria ligado ao centro da cidade.

Vários projetos surgiram depois. Cascatas luminosas morro abaixo, área de lazer ampliada... Idéias que ficaram em idéias! Realidade que nunca se viu!

LEMOS, Tarcísio Germano – **Eu e Petronilha**, Editora Literarte, Jundiá, 2003, p. 114.

Nota: o projeto da escada rolante no Escadão é do Arquiteto Roberto Franco Bueno, projeto do início da década de 1960.

Anexo IX – Durval Orlato

00461

Restauração ou reurbanização da Esplanada Monte Castelo (“Escadão”)

Considerando que as construções antigas das ruas centrais foram todas restauradas;

Considerando que o Teatro Polyteama foi recentemente pintado, bem como o Centro Jundiense de Cultura Rodrigues da Silva e o Museu da Energia;

Considerando que a Esplanada Monte Castelo (“Escadão”) faz parte do Polígono de Proteção do Patrimônio Histórico de Jundiáí, previsto na Lei Complementar 416/2004;

Considerando que bem próximo do local funcionam também o Projeto Guri e a EE Dr. Antenor Soares Gandra;

Considerando que muitos alunos desses estabelecimentos utilizam a Esplanada como acesso à Rua Vigário João José Rodrigues e vice-versa;

Considerando que ali se encontram escadas quebradas, bancos em péssimo estado e defensas avariadas;

Considerando que, infelizmente, o espaço é frequentado por marginais, que assaltam os transeuntes, e por usuários de drogas, principalmente n período noturno, se bem que o número diminuiu após a instalação de câmara de segurança,

INDICO ao Chefe do Executivo a restauração ou reurbanização da Esplanada Monte Castelo, com conserto de suas escadas e fonte d’água, ali antigamente existente, bem como dos bancos, plantio de novas mudas vegetais, iluminação adequada, destinação de guardas municipais ou rondas para preservar a segurança e integridade dos munícipes.

Sala das Sessões, 25/02/2009

DURVAL LOPES ORLATO

Anexo X – Marcelo Gastaldo

00828

Corte de mato e limpeza da Esplanada Monte Castelo (“Escadão”).

A Esplanada Monte Castelo, conhecida como Escadão, situada na Rua Barão de Jundiá, no Centro, é muito utilizada pela população jundiáense. Para que tais munícipes obtenham condições adequadas de travessia,

INDICO ao Chefe do Executivo sejam adotadas as providências cabíveis, junto ao setor competente, para corte de mato e limpeza do acesso supramencionado.

Sala das Sessões, 24/03/2009

MARCELO ROBERTO GASTALDO

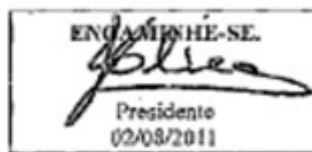
Anexo XI – Marilena Perdiz Negro



Câmara Municipal de Jundiaí
São Paulo

INDICAÇÃO N.º 12137

Determine a inclusão do restauro e revitalização da Esplanada Monte Castelo no projeto de recuperação paisagística de Vila Argos e Vianello, integrando esse patrimônio ao conjunto de ações previstas para a região.



A Esplanada Monte Castelo, como importante ponto histórico de nosso município situado dentro do Polígono de Proteção do Patrimônio Histórico de Jundiaí, está com a sua área degradada, com lixo espalhado e totalmente tomada pelo mato.

Hoje, essa área tem sido utilizada meramente como uma passagem que liga a Rua Barão de Jundiaí com a Rua Vigário João José Rodrigues.

Diante do alto investimento no projeto de implantação do parque Guapeva na região de Vila Argos e Vianello, com alargamento da Rua José do Patrocínio e outras intervenções de acessibilidade, o que, sem dúvida, ofertará maior qualidade à paisagem urbana da região.

INDICO ao Chefe do Executivo que determine a inclusão do restauro e revitalização da Esplanada Monte Castelo no projeto de recuperação paisagística de Vila Argos e Vianello, integrando esse patrimônio ao conjunto de ações previstas para a região.

Sala das Sessões, 02/08/2011


MARILENA PERDIZ NEGRO

Galeria de fotos João Borin



“Grupo do Morro”



Galeria de fotos João Borin (continuação)



Galeria de fotos João Borin (continuação)



Galeria de fotos João Borin (continuação)



Galeria de fotos João Borin (continuação)



Galeria de fotos João Borin (continuação)



O presente livro também foi produzido no formato impresso. Para aquisição da versão em papel, contatar a editora pelo e-mail abaixo. Seu pedido será redirecionado à autora, a qual encomendou o lote todo

ISBN 978-85-65364-15-7



Edições Brasil
sac@edicoesbrasil.com.br
www.edicoesbrasil.com.br